

EMISSIONES GALAICO-DURIENSES DAS BARBUDAS DE D. FERNANDO DE PORTUGAL

Por MÁRIO GOMES MARQUES
CARLOS MARQUES DA COSTA
JOÃO LOPES DE SAMPAIO

Em 1982, um coleccionador português adquiriu um valioso lote de moedas de D. Fernando de Portugal — formado por cento e trinta e três barbudas e uma meia barbuda — que se encontrava à venda na Suíça. Para além de impressionar pelo seu volume, o lote revelou-se particularmente interessante por (a) englobar várias moedas representativas de grupos tipológicos inéditos, (b) compreender muitas outras pertencentes a grupos já conhecidos mas reputados da mais alta raridade, (c) não incluir exemplares lavrados em Lisboa, considerados como os mais comuns, e (d) ser constituído, na sua totalidade, por peças pouco ou nada circuladas.

Embora o comprador tivesse procurado obter elementos sobre a origem das moedas e as circunstâncias em que teriam sido encontradas, pouco conseguiu averiguar. Os responsáveis pela firma especializada que realizou a transacção informaram que o lote parecia representar a totalidade de um achado, que teria ocorrido, cerca de cinco anos antes, em uma localidade espanhola próxima da raia portuguesa, mas não souberam ou não quiseram precisar a zona fronteiriça em que se verificara o acontecimento.

Perante a reserva dos comerciantes helvéticos, tentou-se outra via para o eventual esclarecimento do assunto, mediante contacto com alguns numismatas espanhóis particularmente atentos a ocorrências relacionadas com a numária medieval. Infelizmente, não se confirmou a esperança de que qualquer notícia relacionada com o lote tivesse chegado ao seu conhecimento. Os numismatas consultados nada sabiam e nada apuraram a seu respeito.

Deste modo, não foi possível (a) conseguir dados concretos sobre a proveniência das moedas, (b) saber se elas constituem, de facto, a totalidade de um achado, ou (c) colher o mais pequeno indício sobre o tipo de contexto arqueológico em que se encontravam inseridas. Todavia, apesar destas limitações, importa dar a conhecer os resultados do estudo dos 134 exemplares trazidos para Portugal, visto deles se retirarem algumas informações importantes para um mais perfeito conhecimento da série monetária em causa.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A caracterização tipológica das moedas estudadas teve lugar tomando por base a taxonomia proposta, em 1978, por um dos autores do presente artigo (Gomes Marques⁸). Entretanto, a experiência demonstrou haver inconveniente na atribuição de números seguidos aos conjuntos tipológicos descritos para as vá-

rias casas da moeda, atribuição essa que, tendo em vista simplificar a notação, então se julgara vantajosa. Na realidade, quando se usa tal critério, acaba por suceder, no caso de se descobrirem novos conjuntos, que os números correspondentes às produções de uma ou mais casas da moeda deixam de ficar em sequência, daí resultando desnecessárias possibilidades de confusão.

Por isso se adoptou novo critério, que consiste em designar cada conjunto tipológico por uma letra maiúscula, indicativa da casa da moeda emissora, e por um número. Para cada casa da moeda, a numeração é sempre iniciada por 1 e segue a ordem habitual dos números naturais. Como é óbvio, o novo sistema não impede que a certos conjuntos estreitamente aparentados possam não corresponder números em sequência. No entanto, este é um inconveniente menor, que também afectava o sistema antigo.

Por outro lado, o estudo do lote revelou certos elementos que quase permitem excluir a hipótese de terem sido lavradas em Samora as moedas de D. Fernando marcadas com a letra **Q**, a par com outros que tornam altamente improvável a explicação aduzida (Gomes Marques⁷) para o aparecimento ocasional de tal símbolo em exemplares oriundos desse centro emissor.

Assim, considerou-se oportuno proceder à reclassificação das barbudas e meias barbudas até agora conhecidas, em termos que têm em conta os factos indicados e quase nada prejudicam a leitura e interpretação dos trabalhos que anteriormente se publicaram. Essa reclassificação obedeceu às correspondências que se indicam nos Quadros I a IV.

O **Quadro I** não exige qualquer explicação para além do caso particular do conjunto tipológico correspondente aos reversos das barbudas assinadas com a letra **Q**. Em 1978, a estreita semelhança entre esses reversos e os das moedas homólogas atribuíveis a Samora tinha levado à sua inclusão no **conjunto 11** e a referir com a letra **g** a única legenda desses reversos de que foi possível uma leitura satisfatória. Como é evidente, uma vez que deixou de se considerar plausível a atribuição a Samora das moedas marcadas com esse símbolo, a referida legenda foi eliminada da lista das variantes descritas a propósito do **conjunto 11** (actual **conjunto S.1**), passando a constituir a variante **a** do **conjunto Q.1** da nova classificação.

QUADRO I

BARBUDAS

CONJUNTOS TIPOLOGICOS

CASA DA MOEDA	ANVERSO		REVERSO	
	Ref. actual	Ref. ant.	Ref. actual	Ref. ant.
LISBOA	L.1	1	L.1	1
	L.2	2	L.2	2
	L.3	3	—	—
	L.4	4	—	—
PORTO	P.1	5	P.1	3
	P.2	6	P.2	4
	P.3	7	P.3	5
	P.4	8	P.4	6
	P.5	9	P.5	7
	—	—	P.6	8
	—	—	P.7	9
MIRANDA	M.1	10	M.1	10
SAMORA	S.1	11	S.1	11 (var. a a f)
	S.2	12	—	—
TUI	T.1	14	T.1	12
CORUNHA	C.1	15	C.1	13
Ignorada (Q)	Q.1	13	Q.1	11 (var. g)

Como facilmente se deduz da leitura do **Quadro II**, as modificações introduzidas na classificação dos grupos monetários em que se distribuem as barbudadas até agora conhecidas são apenas as que decorrem da nova modalidade de referência. De facto, as próprias moedas assinadas com a letra **Q** já tinham sido arrumadas em um grupo independente (**grupo monetário 13/11**), que corresponde ao **grupo monetário Q.1/Q.1** da classificação actual.

QUADRO II**BARBUDAS****GRUPOS MONETÁRIOS**

	CASA DA MOEDA	GRUPOS MONETÁRIOS	
		Ref. actual	Ref. ant.
	LISBOA	L.1/L.1 L.1/L.2 L.2/L.2 L.3/L.2 L.4/L.2	1/1 1/2 2/2 3/2 4/2
	PORTO	P.1/P.1 P.1/P.2 P.1/P.3 P.1/P.4 P.2/P.4 P.3/P.4 P.3/P.5 P.4/P.4 P.4/P.5 P.5/P.5 P.5/P.6 P.5/P.7	5/3 5/4 5/5 5/6 6/6 7/6 7/7 8/6 8/7 9/7 9/8 9/9
	MIRANDA	M.1/M.1	10/10
	SAMORA	S.1/S.1 S.2/S.1	11/11 12/11
	TUI	T.1/T.1	14/12
	CORUNHÀ	C.1/C.1	15/13
	Ignorada (Q)	Q.1/Q.1	13/11

QUADRO III
MEIAS BARBUDAS
CONJUNTOS TIPOLOGICOS

CASA DA MOEDA	ANVERSO		REVERSO	
	Ref. actual	Ref. ant.	Ref. actual	Ref. ant.
LISBOA	L.1	1	L.1	1
	L.2	2	—	—
	L.3	3	—	—
PORTO	P.1	4	P.1	2
	P.2	5	P.2	3
	P.3	6	P.3	4
	P.4	7	P.4	5
	P.5	8	—	—
MIRANDA	M.1	9	M.1	6
SAMORA	S.1.	10	S.1	7
TUI	T.1	11	T.1	8
CORUNHA	C.1	12	C.1	9

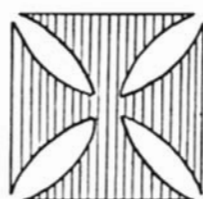
No caso das meias barbudas, ao contrário do que acontece com as moedas unitárias, a nova modalidade de referência dos conjuntos tipológicos não implica qualquer ajustamento, na medida em que, até à descoberta do lote aqui descrito, se desconhecia a existência de qualquer exemplar dessa denominação fraccionária marcado com a letra **Q**.

QUADRO IV
MEIAS BARBUDAS
GRUPOS MONETÁRIOS

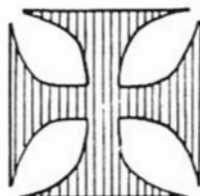
CASA DA MOEDA	GRUPOS MONETÁRIOS	
	Ref. actual	Ref. ant.
LISBOA	L.1/L.1 L.2/L.1 L.3/L.1	1/1 2/1 3/1
PORTO	P.1/P.1 P.2/P.2 P.3/P.4 P.4/P.3 P.4/P.4 P.5/P.4	4/2 5/3 6/5 7/4 7/5 8/5
MIRANDA	M.1/M.1	9/6
SAMORA	S.1/S.1	10/7
TUI	T.1/T.1	11/8
CORUNHA	C.1/C.1	12/9

Acontece que o esquema classificativo resumido nos quadros precedentes provou ser insuficiente para incluir todas as moedas do lote. Este, revelando a existência de novos grupos, conjuntos e variantes, veio ampliar, de forma inesperada, o espectro tipológico de uma série que se supunha bem conhecida e já se fazia notar pela sua diversidade. Além disso, o facto de nele estarem incluídas várias peças com faces pertencentes a conjuntos tipológicos já conhecidos mas cuja caracterização se baseara em um número muito limitado de exemplares, por vezes mal conservados, permitiu aperfeiçoar e corrigir algumas das descrições publicadas em 1978.

Por outro lado, estudos entretanto realizados sobre a numária de cobre de D. Duarte (Gomes Marques e Sampaio¹⁰), reforçaram a ideia de que é importante ter em conta as fórmulas e os sinais separadores usados nos letreiros para a eventual definição das emissões sucessivas de algumas espécies medievais portuguesas e sugeriram a possibilidade de que, em Portugal como em outros países



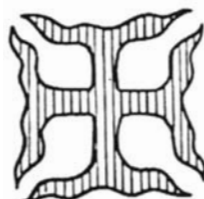
1a



1b



2a



2b



3



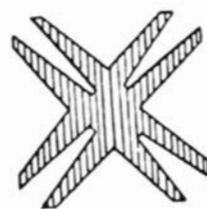
4



5a



5b



6

Fig. 1 - Representação semi-esquemática dos tipos de cruz usados na abertura das legendas e suas variantes. *Tipo 1 (variantes a e b)*: Cruz da ordem de Cristo, correntemente usada nos lavramentos efectuados em Lisboa e no Porto. *Tipo 2 (variantes a e b)*: Cruz forquilhada, com ramos muito abertos e mais ou menos elaborados, preferida em muitas das emissões realizadas em Castela. *Tipo 3*: Cruz em aspa, vazia, usada em raras moedas da Corunha de produção não regular. *Tipos 4 e 5*: Cruzes com morfologias particulares, que, frequentemente postas em aspa, se encontram em moedas de produção não regular, assinadas com as marcas do Porto e da Corunha. *Tipo 6*: Cruz atípica, encontrada em um único exemplar e possivelmente resultante de gravação defeituosa.

(Sutherland¹⁷), o estudo da morfologia da cruz de abertura das legendas seja útil para o mesmo fim.

No caso particular das barbuças, a configuração da cruz de abertura das legendas é bastante variada (**Fig. 1**) e há indícios de que a diversidade não se deve apenas à preferência —aliás indiscutível— de certas casas da moeda por determinados padrões. Por isso se consideraram necessárias as referências específicas a esse pormenor tipológico ao caracterizar os conjuntos e se anotaram, no catálogo das moedas do lote, os modelos usados nas duas faces de cada exemplar.

ESTRUTURA GERAL DO ACHADO

A meia barbuda incluída no lote exhibe, no anverso, a letra monetária **Q**, à esquerda do elmo. É uma peça inteiramente inédita, visto que, como já se afirmou, se desconhecia a existência de qualquer exemplar da fracção assinado com o referido símbolo.

No respeitante às barbudadas, a estrutura geral do lote era a que se indica no **Quadro V**.

QUADRO V
DISTRIBUIÇÃO DAS BARBUDAS DO LOTE
POR ORIGENS E GRUPOS MONETÁRIOS

Casa da Moeda	Exempl. classificáveis em grupos já descritos	Exempl. não classific. em grupos já descritos	Totais
PORTO	$\left. \begin{array}{l} \text{P.1/P.4} - 1 \\ \text{P.4/P.5} - 1 \\ \text{P.5/P.5} - 1 \\ \text{P.5/P.6} - 25 \end{array} \right\} 28$	17	45
MIRANDA	M.1/M.1 - 1	—	1
TUI	T.1/T.1 - 5	27	32
CORUNHA	C.1/C.1 - 22	25	47
Ignorada (Q)	Q.1/Q.1 - 5	3	8
TODAS	61	72	133

O **Quadro V**, além de realçar a participação dominante das produções da Corunha, do Porto e de Tui, põe em relevo a elevadíssima proporção de exemplares com graus de ineditismo que ultrapassam o de simples variantes de legenda (54 por cento) e que devem corresponder a emissões com fraca penetração fora das zonas geográficas em que tiveram origem.

ASPECTOS TIPOLOGICOS INÉDITOS

Para além das 72 peças cujas características tipológicas são incompatíveis com a sua classificação em grupos monetários já descritos, o lote englobava muitas outras, que, embora passíveis de inclusão em tais grupos, exibem variantes desconhecidas de legenda. Uma vez que estas variantes vêm ampliar as listas publicadas em 1978, usaram-se, para as referenciar, as letras minúsculas que, para cada conjunto tipológico, ficam na sequência das atribuídas às variantes então catalogadas.

BARBUDAS CASA DA MOEDA DO PORTO

O lote compreendia 45 barbudas assinadas com a letra **P**, que, pelo menos em princípio, representam emissões relacionadas com a casa da moeda do Porto. Vinte e oito das barbudas assim assinadas pertencem a grupos monetários já descritos. As dezassete restantes distribuem-se por cinco grupos monetários até agora desconhecidos. Duas destas últimas resultaram da associação de anversos pertencentes a um conjunto relativamente comum (**conjunto P.5**) com reversos representativos de um conjunto inédito, estreitamente aparentado com o **conjunto P.6**. As outras quinze moedas resultaram de associações de dois conjuntos tipológicos inéditos de anverso com três conjuntos inéditos de reverso.

Curiosamente, todas estas quinze moedas apresentam características anómalas, que podem levantar dúvidas quanto à sua legitimidade. A forma de assinatura é atípica, os erros nas legendas são frequentes em ambas as faces, os sinais separadores escapam, as mais das vezes, aos padrões habituais e, em catorze exemplares, o tratamento do motivo principal do anverso foge inteiramente da tradição portuense.

No entanto, este último facto, talvez o mais impressionante para os observadores, constitui, em si mesmo, argumento quase decisivo contra a hipótese de uma atribuição ao trabalho de falsários da época, eventualmente sugerida pelos erros referidos e por certos aspectos menos cuidados da gravação. Na realidade, conquanto os falsários possuíssem, as mais das vezes, recursos técnicos inferiores aos dos moedeiros profissionais, não é menos verdade que procuravam sempre reproduzir, na medida das suas capacidades, as moedas legítimas que copiavam. Deste modo, nas suas produções, eram compreensíveis a técnica deficiente, os erros de escrita e as omissões ou distorções de sinais ocultos. Mas já o não seriam a utilização sistemática de sinais separadores mais complexos que os das peças oficiais e, menos ainda, a invenção de uma forma de tratamento do motivo principal do anverso, com omissão do escudo, que, para além de constituir um dos elementos dominantes dessa face nas barbudas do Porto, se afigura mais fácil de gravar do que a cota de malha que aparece nos exemplares em causa.

Portanto, parece razoável pensar que o padrão tipológico neles adoptado resultou de uma escolha deliberada e que as barbudas que o exibem eram moeda legal. Sendo assim, há que considerar três hipóteses: A primeira é a de que as catorze barbudas marcadas com a letra **P** e sem escudo no anverso representem emissões iniciais, anteriores às já conhecidas da casa da moeda do Porto e lavradas numa fase em que não fora ainda concebido o padrão tipológico que veio a caracterizar as suas cunhagens. A segunda, diametralmente oposta, consiste em supor que correspondem a emissões tardias, em que esse padrão teria sido abandonado. Finalmente, a terceira hipótese é a de que constituam remanescentes de uma cunhagem não regular, cunhagem essa que, embora não produzida na cidade do Porto, terá sido considerada dependente da casa da moeda aí instalada e, por tal motivo, assinada com a sua letra privativa.

Se é certo que o carácter insólito do tratamento do motivo principal pode ser explicado por qualquer das duas primeiras hipóteses, já o mesmo não acontece com os erros do letreiro, dificilmente compatíveis com o trabalho de gravadores já experientes (1) e cujas produções estavam, sem dúvida, sujeitas a supervisão relativamente cuidada.

Por conseguinte, a terceira hipótese é a que se apresenta como mais viável. A especificidade tipológica pode ter-se destinado a diferenciar uma emissão não regular e não custa admitir que os gravadores disponíveis fora das instituições organizadas para a produção de moeda, conquanto capazes de um trabalho aceitável em termos de desenho, não estariam habilitados para resolver os problemas inerentes às legendas. Contudo, trata-se de uma hipótese de difícil comprovação, que, por isso mesmo, não deve ser encarada como o aspecto fundamental das considerações precedentes. Dessas considerações, importa sobretudo reter a noção de improbabilidade da origem ilegítima das barbudas anómalas assinadas com a letra **P** e o facto de que esta assinatura as relaciona, ainda que em termos não esclarecidos, com a casa da moeda do Porto.

Assim, são de considerar como pertencentes à área de responsabilidade deste centro emissor os seguintes aspectos tipológicos inéditos:

ANVERSOS

Conjunto P.1 (antigo **conjunto 5**) — Nas moedas do lote apenas se indentificou um anverso pertencente ao antigo **conjunto 5**, anverso esse que, aliás, exibe uma legenda (2) ainda não catalogada em relação com o mesmo:

d) SIDOMINVS/a/MICHI/a/AIVTOR/a/NON/a/TI/a/

Conjunto P.4 (antigo **conjunto 8**) — O conjunto P.4 está também representado por um único anverso com legenda inédita:

c) SIDOMINVS/a/MICHI/a/AIVTOR/a/NON/a/TI/a/

Conjunto P.5 (antigo **conjunto 9**) — Nada menos de 28 das moedas do lote

(1) Mesmo no caso de estarem em causa emissões precoces, os gravadores portugueses já teriam, pelo menos, a experiência adquirida com os lavramentos de torneses, em que, aliás, não abundam os erros de letreiro. Por outro lado, se os exemplares anómalos fossem o resultado de emissões tardias, a sua experiência seria ainda maior, visto que a produção de barbudas típicas pela casa da moeda do Porto foi relativamente abundante e de excelente qualidade artística. A degenerescência, que frequentemente ocorria quando determinado modelo era seguido durante longos períodos, não serve para explicar os aspectos encontrados. De facto, os lavramentos das barbudas devem ter-se processado, na sua totalidade, em poucos meses. Além disso, essa forma de degenerescência era, quase sempre, acompanhada de imobilismo tipológico e não teria de conduzir aos erros grosseiros que se notam nas legendas dos exemplares em questão.

(2) Com o fim de se evitarem problemas de composição tipográfica e as noções erróneas, que, muitas vezes, são transmitidas pela utilização de símbolos só vagamente parecidos com os usados nas legendas das moedas, os sinais separadores e de encerramento são referenciados por letras minúsculas colocadas entre barras. Essas letras indicam os símbolos a que correspondem na **Fig. 2**.

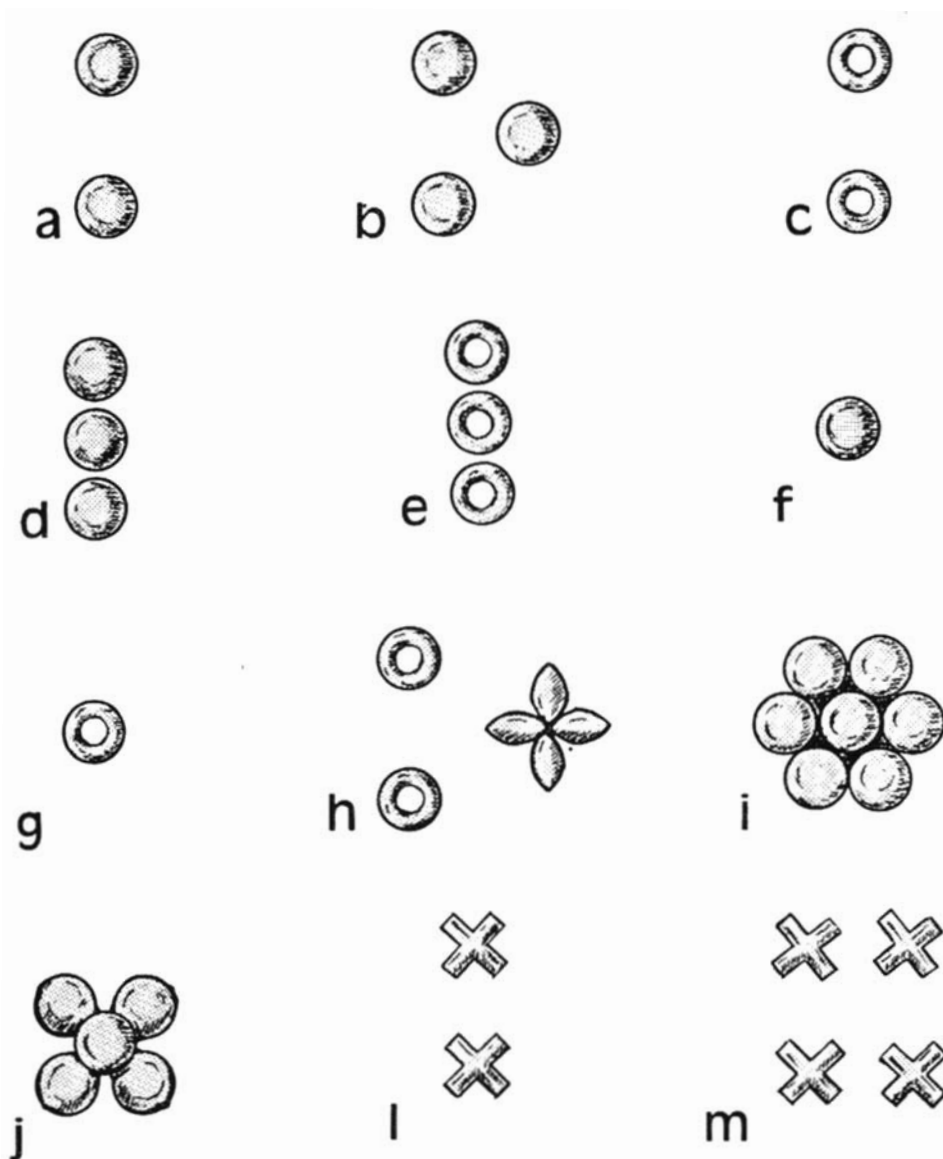


Fig. 2 - Sinais separadores e de encerramento das legendas: **a** - Par de grânulos radiariamente alinhados. **b** - Três grânulos dispostos em triângulo. **c** - Par de aneletes radiariamente alinhados. **d** - Três grânulos radiariamente alinhados. **e** - Três aneletes radiariamente alinhados. **f** - Grânulo simples. **g** - Anelete simples. **h** - Par de aneletes radiariamente alinhados, seguido de quadrifólio de folhas alongadas. **i** - Roseta. **j** - Quadrifólio centrado por grânulo. **l** - Par de asas radiariamente alinhadas. **m** - Quatro asas postas em aspa.

possuem anversos classificáveis no **conjunto P.5**. Todavia, apenas oito desses anversos têm legendas não previamente descritas em relação com este conjunto. Essas legendas correspondem a três modalidades distintas:

- t) SIDOMINVS/a/MICHI/a/AIVTOR/a/NON
- u) SIDOMINVS/a/MICHI/a/AIVTOR/a/NONTI
- v)* SIDOMNVS/a/MICHI/a/AIVTOR/a/NO/a/

A propósito deste conjunto, convém notar uma lacuna da descrição original. De facto, nesta, não foi referida uma pequena roseta, que se encontra sistematicamente inscrita no espaço triangular limitado pela base do elmo, a sinistra do escudo e o contorno anterior do paquife.

É também importante referir que 16 dos 28 anversos pertencentes ao **conjunto P.5** exibem um símbolo adicional, colocado no campo, à esquerda da celada. Embora nenhum desses símbolos seja inédito — a falta de ponto sobre o G, em um caso, e sobre o I, em outro, parece ter resultado de problemas de espaço — vale a pena mencionar as frequências com que aparecem nos exemplares do lote:

- İ — 4 exemplares
- Ġ — 4 exemplares
- Ä — 3 exemplares
- GR — 3 exemplares
- Ṗ — 2 exemplares

Conjunto P.6 (inédito) — Representado pelos anversos de 14 das moedas atribuíveis a emissões não regulares. Pertence ao **sub-tipo I** (sem escudo e com cota de malha) da classificação proposta em 1978. A coroa está ornada de três florões aparentes, que alternam com esboços de pontas rematados por pérolas. A viseira tem perfil angular, com fenda visual estreita e protegida por varetas verticais. Limite inferior do elmo traduzido por uma fiada de grânulos. Paquife simples, pendente, com a extremidade livre truncada. Camal figurado por fiadas horizontais de aneletos imbricados. No campo, à direita do motivo principal, a letra **P**, não encimada por ponto.

Em todos os aversos pertencentes a este conjunto, existe ainda, também no campo, mas à esquerda do elmo, outra letra **P**. A posição deste segundo **P** é variável, situando-se às 8 ou às 10 horas, consoante os cunhos. O seu significado é duvidoso, visto que pode corresponder a uma repetição da assinatura da casa da moeda ou ser um equivalente dos símbolos referidos a propósito do **conjunto P.5**.

As legendas são aberrantes, abrem por cruz dos **tipos 4** ou **5** e exibem micraneletes emparelhados como sinais separadores:

- a) SI/c/DNS/c/NI/c/MICRI/c/AIVTOR/c/
- b) FERNADVS/c/RXE/c/PVRTVG/d/ (1) (2)

É importante notar o sinal de encerramento da **variante b**: Três pontos radialmente alinhados. Este sinal, nunca antes encontrado em barbudadas da casa da moeda do Porto, também serviu para a separação das palavras e o encerramento das legendas de reversos associados com este conjunto, do único averso representativo do conjunto que a seguir se descreve e do reverso de uma barbudada de produção não regular assinada pela casa da moeda da Corunha.

Conjunto P.7 (inédito) — Representado por um só averso, pertencente ao **sub-tipo II** (com escudo e cota de malha) da classificação proposta em 1978. Escudo quase horizontalmente colocado, com cinco escudetes postos em cruz e chefe rectilíneo. Coroa ornada de três florões aparentes, que alternam com esboços de pontas rematados por pérolas. Viseira angular, com fenda visual protegida por varetas verticais. Limite inferior do elmo traduzido por pontos contíguos. Paquife simples, pendente, com prega longitudinal bem vincada e extremidade livre talhada em bico. Representação rudimentar do camal, limitada a uns poucos aneletes imbricados. No campo, à direita, a letra **P**, não encimada por ponto.

No exemplar em causa, também no campo, mas à esquerda da celada, está inscrito o símbolo **O**.

A cruz de abertura da legenda está obliterada. Os sinais separadores e de encerramento são grupos de três pontos radialmente alinhados:

- a) (S)IDMINVS/d/(MI)CI()IA/d/ (3)

REVERSOS

Conjunto P.5 (antigo **conjunto 7**) — As legendas dos dois reversos pertencentes a este conjunto representam variantes ainda não catalogadas em relação com o mesmo:

- f) FERNANDVS/a/REX/a/PORTVGALI/a/AL
- g) FERNANDVS/a/REX/a/PORTVGALI/a/ALG/a/

(1) O **S** do nome do monarca está invertido.

(2) O **X** da palavra RXE (por REX) foi aberto com o mesmo punção que serviu para abrir a cruz inicial da legenda.

(3) Os dois **SS** da legenda estão invertidos.

Conjunto P.6 (antigo **conjunto 8**) — Entre os 25 reversos classificados no **conjunto P.6**, também se encontraram alguns com legendas inéditas:

- i) FERNANDVS/a/REX/a/PORTVGALI/b/
- j) FERNANDVS/a/REX/a/PORTVGALI/a/A/
- l) FERNANDVS/a/REX/a/PORTVGALI/a/A/f/
- m) FERNANDVS/a/REX/a/PORTVGALI/a/A/a/
- n) FERNADVS/a/REX/a/PORTVGALI/a/ALG/a/

Conjunto P.8 (inédito) — Revelado por dois reversos, com características quase sobreponíveis às que definem o **conjunto P.6**, mas que se distinguem pela presença de um grânulo sob o castelo do segundo quadrante.

A cruz inicial da legenda é do **tipo 1** em um dos exemplares e está obliterada no outro. As fórmulas usadas foram as seguintes:

- a) FERNANDVS/a/REX/a/PORTVGALI/a/ALG
- b) FERNANDVS/a/REX/a/PORTVGALI/a/ALGA/a/

Conjunto P.9 (inédito) — É formado por reversos do **tipo III** da classificação proposta em 1978 em que não existem quaisquer sinais no campo. Cruz do tipo usado pela casa da moeda da Corunha, com o bisel das extremidades menos definido do que o que se encontra nas produções regulares do Porto. Escudo com cinco escudetes postos em cruz. Desenho relativamente grosseiro.

As legendas, com bastantes erros, abrem por cruz do **tipo 4** e exibem pares de aneletes ou três pontos radiariamente alinhados como sinais separadores:

- a) FERNADVS/c/REX/c/PVRTVGA (1)
- b) FERNADVS/d/REX/d/PORTVGA/d/ (1)
- c) FERNADVS/d/REX/d/PORTVGLI
- d) F(ERNA)NDVS/d/REX/d/P(V)RTVGAL (1)

Conjunto P.10 (inédito) — Apenas difere do precedente pela presença de um anelete no primeiro quadrante do campo, inscrito no ângulo formado pela bordadura com a extremidade do braço superior da cruz. A este propósito é interessante notar que o anelete na posição indicada é frequente em reversos da casa da moeda da Corunha.

As legendas abrem por cruz dos **tipos 1, 4 ou 6**. As variantes encontradas foram as seguintes:

- a) FERNANDVS/c/REX/c/PORTVS/c/GA
- b) FERNANVS/c/REX/c/PORTVGA (2)
- c) RERNANVS/c/REX/c/PORTVGALI/e/

(1) O S está invertido.

(2) O X da palavra REX é uma cruz do **tipo 5**, inteiramente idêntica às usadas na abertura de legendas das moedas de produção não regular.

Conjunto P.11 (inédito) — Representado por quatro reversos obtidos com o mesmo cunho. Também estreitamente aparentado com o **conjunto 9**, apenas se distingue deste pela presença de um grânulo no terceiro quadrante do campo, inscrito acima do correspondente castelo.

A legenda abre por cruz do **tipo 4**, exhibe grupos de três pontos radiariamente alinhados como sinais separadores e está eivada de erros:

a) FERNADVS/d/REX/d/PORTVALE (1)

GRUPOS MONETÁRIOS

Os grupos monetários inéditos individualizados com base nas barbudas do lote e atribuíveis à casa da moeda do Porto ou dependentes da sua jurisdição são os seguintes:

P.5 / P.8
P.6 / P.9
P.6 / P.10
P.6 / P.11
P.7 / P.9

Os quatro últimos grupos correspondem às moedas que, consideradas as suas características, se admite representarem emissões não regulares.

CASA DA MOEDA DE MIRANDA DO DOURO

Do lote fazia parte uma só barbuda assinada com a letra **M**. Embora conforme aos padrões tipológicos já descritos para a casa da moeda de Miranda do Douro, exhibe legendas inéditas, tanto no anverso como no reverso.

ANVERSO

Conjunto M.1 (antigo **conjunto 10**) — A legenda abre por cruz do **tipo 1** e obedece à fórmula:

e) SI/a/DNS/a/MICHI/a/AIVTOR/a/NON/a/TEME

REVERSO

Conjunto M.1 (antigo **conjunto 10**) — A cruz de abertura é também do **tipo 1**. Foi usada a seguinte fórmula:

e) FERNANDVS/a/REX/a/PORTVGALI/a/ALGA

CASA DA MOEDA DE TUI

Os numerosos exemplares oriundos de Tui que faziam parte do lote vieram enriquecer consideravelmente os conhecimentos sobre a tipologia das barbudas produzidas na casa da moeda que aí funcionou. Na realidade, apenas cinco an-

(1) O **S** do nome do rei está invertido.

versos e dezasseis reversos dos exemplares assinados por Tui se revelaram passíveis de classificação em conjuntos já descritos.

ANVERSOS

Conjunto T.1 (antigo **conjunto 14**) — O magnífico estado de conservação dos exemplares do lote permitiu corrigir pequenas inexactidões e uma omissão da descrição publicada em 1978: O elmo é rematado inferiormente por gorjal com quatro grânulos. O paquife está formado por dois elementos justapostos, cujas extremidades apresentam incisuras com profundidades e contornos diferentes. Existe uma roseta no espaço triangular delimitado pelo gorjal, a sinistra do escudo e o bordo anterior do paquife.

As legendas abrem por cruz do **tipo 2**. Foram encontradas duas variantes inéditas:

- b) FERNANDUS/i/REX/i/PORTUGALL
- c) FERNANDUS/i/REX/i/PORTUGALIS

Conjunto T.2 (inédito) — Distingue-se do anterior pela posição da letra monetária **T**, que se encontra colocada no campo, à direita, acima do paquife, e também pelo estilo. De facto, conquanto o tratamento do motivo principal obedeça às mesmas linhas gerais, o desenho é menos delicado e ocupa uma maior área.

As legendas abrem por cruz do **tipo 2** e correspondem a três variantes:

- a) FERNANDUS/i/REX/i/PORTUGALI
- b) FERNANDUS/l/REX/l/PORTVGALIS/l/
- c) FERNANDUS/m/REX/m/PORTVGALIS/m/

Conjunto T.3 (inédito) — Engloba os anversos do **sub-tipo III** com letra monetária **T** inscrita no campo, à direita, em que o elmo, de dimensões relativamente modestas, tem a curiosa particularidade de exhibir viseira com perfurações. O paquife também difere do que se encontra nos conjuntos precedentes: Mais simples, pendente, formado por um só elemento e com a extremidade livre talhada em bico. Escudo com cinco escudetes postos em cruz.

As legendas abrem por cruz do **tipo 2** e seguem as PORTUGALI fórmulas:

- a) FERNANDVS/i/REX/i/PORTUGALI
- b) FERNANDVS/i/REX/i/PORTVGALIS

Conjunto T.4 (inédito) — É formado por anversos do **sub-tipo II** assinados com as letras **T** e **U**, que estão inscritas, respectivamente, à esquerda e à direita da celada. O elmo, com a morfologia habitual nas produções de Tui, tem dimensões consideráveis. Na coroa, merecem destaque as pontas intercalares, que foram rematadas por trifólios. Escudo com cinco escudetes postos em cruz. A representação do camal está limitada a dois ou três minúsculos aneletes.

As legendas, com erros frequentes, abrem por cruz do **tipo 2**:

- a) FENANDVS/i/REX/i/PORTUGALIS
- b) FENANDVS/i/REX/i/PORTUGALIS/i/
- c) FENANDVS/i/REX/i/PRTUGALIS/i/
- d) FERNDUS/i/REX/i/PORTUGALIS/i/A

Conjunto T.5 (inédito) — É constituído por anversos assinados por extenso (TUY), que também podem ser classificados no **sub-tipo II**, mas em que a pequena área onde caberia a representação do camal está preenchida por um relevo em forma de meia lua, talvez correspondente a uma divisa presa ao ombro esquerdo. Paquife simples, pendente, com prega longitudinal e extremidade livre truncada pela bordadura. A assinatura da casa da moeda é formada pela letra **T**, à esquerda do motivo principal, e pelas letras **U** e **Y**, à direita do mesmo. A falta de espaço para o completo desenvolvimento horizontal da assinatura conduziu à curiosa solução de inscrever a letra **Y** acima do **U**.

As legendas abrem por cruz do **tipo 2**:

- a) FERNANDUS/i/REX/i/PORTUGALIS

Conjunto T.6 (inédito) — Está representado por um único anverso, também assinado por extenso, em que o camal se encontra largamente representado, por vários aneletes justapostos. Elmo e coroa com os tratamentos habituais da casa da moeda de Tui. Paquife simples, com a forma de triângulo isósceles alongado, cuja base corresponde à extremidade livre. Assinatura desenvolvida como no conjunto precedente.

A legenda abre por cruz de **tipo 2** e exhibe pares de aneletes como sinais separadores e de encerramento:

- a) FERNANDVS/c/REX/c/PORTVGALIS/c/

Conjunto T.7 (inédito) — A existência deste conjunto foi revelada por uma só moeda. Não há representação do escudo na face principal. O busto é grande. Os florões da coroa alternam com pontas rematadas por trifólios. Fenda visual estreita, delimitada por debrum saliente. A protecção da face, perfurada, tem perfil peculiar. Camal traduzido por fiadas horizontais de aneletes imbricados. A assinatura da casa da moeda consiste das letras **T** e **V**, inscritas, respectivamente, à esquerda e à direita do motivo principal.

A legenda abre por cruz do **tipo 2** e segue a fórmula:

- a) FERNANDVS/i/REX/i/PORTVGALIS/i/ALG

REVERSOS

Conjunto T.1 (antigo **conjunto 12**) — Também no caso deste conjunto, os exemplares agora estudados permitiram melhorar a descrição apresentada em 1978. Assim, importa salientar a ausência de sinais no campo e a franca curvatura do chefe do escudo, que tem cinco escudetes. Por outro lado, convém dizer que o carácter grosseiro das extremidades dos braços da cruz, então referido, não é uma constante destes reversos. De facto, o desenho é, em muitos casos, relativamente perfeito, embora as extremidades se apresentem sempre com a for-

de triângulos isósceles mais ou menos alongados, cujas bases correspondem aos topos dos braços e de que os lados, ligeiramente côncavos, começam a destacar-se das porções proximais destes a meia distância entre os limites do escudo e a cercadura interior.

As peças do lote revelaram que as legendas abrem por cruz dos **tipos 1** ou **2** e que, além das duas fórmulas já conhecidas se usaram as seguintes:

- c) SI/i/DNS/i/MICHI/i/AIUTOR/i/NON
- d) SI/i/DNS/i/MICHI/i/AIUTOR/i/NON/i/
- e) SI/i/DNS/i/MICHI/i/AIUTOR/i/NON/i/T
- f) SI/i/DNS/i/MICHI/i/AIVTOR/i/NON
- g) SI/i/DNS/i/MICHI/i/AIVTOR/i/NON/i/c/
- h) SIDNS/i/ICHIHI/i/ILIUTOR/i/NON/i/T
- i) SIDNS/i/MICHI/i/AIUTOR/i/NON/i/T

Conjunto T.2 (inédito) — Caracterizado pela existência da letra **F**, inscrita no campo, sob o castelo do segundo quadrante. Os braços da cruz exibem franca concavidade dos topos.

As legendas abrem por cruz do **tipo 2** e seguem as fórmulas:

- a) SI/a/DNS/a/MICHI/a/AIUTOR/a/NON/a/TI
- b) SIDNS/i/MICHI/i/AIVTOR/i/NON/i/TI
- c) SIDNS/i/MICHI/i/AIVTOR/i/NON/i/TI/g/
- d) SIDNS/i/MICHI/i/AIUTOR/i/NON/i/TIM
- e) I/a/DNS/a/MICHI/a/AIUTOR/a/NON/a/TIM

Conjunto T.3 (inédito) — Define-se pela existência de um grânulo, grânulo umbilicado ou pequeno anelete, inscrito no segundo quadrante, à esquerda da extremidade do braço superior da cruz. Quando o sinal assume a forma de anelete, acontece, em alguns casos, que não se encontra completamente fechado, ou que se encontra fechado por um grânulo, apresentando, neste último caso, o aspecto de anel com pedra engastada. Tal como no conjunto precedente, os topos da cruz são francamente côncavos.

As legendas abrem por cruz do **tipo 2** e correspondem a quatro variantes:

- a) SIDNS/i/MICHI/i/AIUTOR/i/NON/i/T
- b) SIDNS/i/MICHI/i/AIUTOR/i/NON/i/TI
- c) SIDNS/i/MICHI/i/AIUTOR/i/NON/i/N
- d) SIDNS/i/MICI/i/AIUTOR/i/NON/i/TI

Conjunto T.4 (inédito) — Distingue-se pela presença de dois aneletes abertos, inscritos a um e outro lado da extremidade do braço superior da cruz.

O reverso único que serviu para a individualização deste conjunto exhibe legenda errada, que abre por cruz do **tipo 2**:

- a) SIDNS/i/MICHI/i/AIUTOR/i/AIUNO

Conjunto T.5 (inédito) — Também revelado por um só reverso, caracteriza-se pela morfologia da cruz —potenteada por pequenos travessões— e pela existência, junto ao lado esquerdo da extremidade do braço superior desta, de um anelete centrado por grânulo.

A legenda abre por cruz do **tipo 2** e está excepcionalmente desenvolvida:

a) SIDNS/i/MICHI/i/AIVTOR/i/NON/i/TIMEBO

GRUPOS MONETÁRIOS

Com base nas moedas do lote foi possível identificar os seguintes grupos monetários inéditos oriundos de Tui:

T.2 / T.1	T.4 / T.3
T.2 / T.2	T.4 / T.4
T.2 / T.3	T.5 / T.2
T.3 / T.1	T.5 / T.3
T.3 / T.2	T.6 / T.2
T.4 / T.1	T.7 / T.5

Nenhum dos grupos tipológicos individualizados apresenta características que façam pensar em emissões não regulares.

CASA DA MOEDA DA CORUNHA

Apenas 22 das 47 moedas assinadas pela casa da moeda da Corunha apresentam tipologia compatível com a inclusão no **grupo monetário C.1/C.1** (antigo **grupo monetário 15/13**). As restantes distribuem-se por três grupos inéditos.

ANVERSOS

Conjunto C.1 (antigo **conjunto 15**) — Além de numerosas variantes inéditas de legenda, as moedas do lote revelaram que, em alguns casos, os anversos pertencentes a este conjunto foram diferenciados por pequenos grânulos, inscritos na periferia do campo, perto da cercadura interior.

Salvo em poucos casos, em que se apresenta com o **tipo 1**, a cruz de abertura das legendas é do **tipo 2**. As variantes inéditas encontradas foram as seguintes:

- f) SI/a/DNS/a/MICHI/a/AIVTOR/a/NON/a/T
- g) SI/a/DNS/a/MICHI/a/AIVTOR/a/NON/a/TI
- h) SI/a/DNS/a/MICHI/a/AIVTOR/a/NON/a/TIM
- i) SI/a/DNS/a/MICHI/a/AIVTOR/a/NON/a/TIMEBO (1)
- j) SIDNS/a/MICHI/a/AIVTOR/a/INON/a/TIMEB (1)
- l) SIDNS/i/MICHI/i/AIVTOR/i/NON/i/T
- m) SIDNS/a/MICHI/a/AIVTOR/a/NON/a/TIME
- n) SIDNS/i/MICHI/i/AIVTOR/i/NONT

(1) O B da palavra TIMEBO está invertido.

- o) SIDNS/i/MICHI/i/AIVTOR/i/NONTIM
- p) SIDNS/i/MICHI/i/AIVTOR/i/NONTIME
- q) SIDNS/a/MICHI/a/AIVTORNONTIMEB
- r) SIDNS/i/MICHI/i/AIVTOR/i/NANTI
- s) SIDNS/i/MICHI/i/AITOR/i/NON/i/TIM
- t) SMDNS/i/MICHI/i/AITOR/i/NON/i/TI

Conjunto C.2 (inédito) — Formado por anversos desenhados em obediência ao modelo descrito a propósito do antigo **conjunto 15** (actual **conjunto C.1**), mas que merecem individualização, tendo em conta o tratamento grosseiro dado ao motivo principal, que ocupa uma área excessiva do campo, e o aspecto da peça de protecção facial do elmo, crivada de orifícios.

As legendas abrem por cruz do **tipo 1**, pecam por elevada frequência de erros e correspondem às seguintes variantes:

- a) SI/c/DNS/c/MICRI/c/AIVTOR/c/NON/c/
- b) SI/i/DNS/i/MICRI/i/AIVTOR/i/N/c/
- c) SI/c/DNS/c/MICRI/c/AIVTOR/c/N/h/
- d) SI/c/DNS/c/MICRI/c/AIVTOR/c/N/i/
- e) SI/c/DNS/c/MICRI/c/AIVTOR/c/NONTI/c/
- f) SI/i/DNS/i/MICRI/i/AIVAI/c/TI ()O
- g) SIDNS/i/MICHI/i/AIVTOR/i/NON/i/T
- h) SIDNS/i/MICHI/i/AIVTOR/i/NANTI
- i) SIDNS/i/MICHI/i/AIVTOR/i/NONT
- j) SIDNS/i/MICHI/i/AITOR/i/NON/i/TI
- l) SIDNS/i/MICHI/i/AITOR/i/NON/i/TIM
- m) SIDNS/a/MICI/a/AIVTOROS/a/TNIS/a/
- n) SIDNS/c/(MICHI)I/c/AIVTO(N)OS/c/TR

REVERSOS

Conjunto C.1 (antigo **conjunto 13**) — As moedas do lote vieram demonstrar que a configuração sinuosa dos braços da cruz, apontada em 1978 como característica dos reversos deste conjunto, é, em alguns cunhos, pouco perceptível. Além disso, em raros casos, o anelete inscrito à direita da extremidade do braço superior da cruz está centrado por um grânulo umbilicado, enquanto, em um só reverso, se verificou a sua substituição por um simples ponto.

As legendas abrem por cruz do **tipo 2** ou, mais raramente, do **tipo 1**, sendo numerosas as variantes inéditas que se encontraram:

- e) FERNANDVS/a/REX/a/PORTVGAL
- f) FERNANDVS/i/REX/i/PORTVGAL
- g) FERNANDVS/i/REX/i/PORTVGALI
- h) FERNANDVS/a/REX/a/PORTVGALI/a/
- i) FERNANDVS/a/REX/a/PORTVGALL
- j) FERNANDVS/i/REX/i/PORTVGALL

- l) FERNANDVS/a/REX/a/PORTVGALLIS (1)
- m) FERNANDVS/i/REX/i/PORTVGALLIS
- n) FERNANDVS/a/REX/a/PORTVGALI/a/A
- o) FERNANDVS/a/REX/a/PORTVGALLI/a/A
- p) FERNANDVS/a/REX/a/PORTVGALI/a/AL
- q) FERNANDVS/a/REX/a/PORTGALIS/a/AL
- r) SI/a/DNS/a/MICHI/a/AIVTOR/a/NON/a/TIMEBO (2)

Conjunto C.2 (inédito) — A individualização deste conjunto é discutível. De facto, os reversos que nele se incluem apenas diferem dos pertencentes ao conjunto anterior pela localização do anelete, que, embora também inscrito no primeiro quadrante, se situa logo acima da extremidade do braço horizontal da cruz.

A cruz de abertura das legendas é do **tipo 1**. Foram identificadas as seguintes variantes:

- a) FERNANDVS/i/REX/i/PORTVGAL
- b) FERNANDVS/i/REX/i/PORTVGALI
- c) FERNANDVS/i/REX/i/PORTVGALL
- d) FERNANDVS/i/REX/i/PORTVGALLIS

Conjunto C.3 (inédito) — É formado por reversos que representam uma réplica grosseira dos reversos do **conjunto C.1**. Ainda que reproduzindo as características destes últimos, nomeadamente o anelete à direita da extremidade do braço superior da cruz, os reversos pertencentes ao **conjunto C.3** possuem individualidade bem marcada, dado o aspecto tosco do desenho — com escudo e castelos de grandes dimensões, que quase não deixam espaços livres no campo — e as particularidades das correspondentes legendas.

Estas abrem por cruz dos **tipos 1** ou **4**, exibem pares de aneletes como sinais separadores e estão inquinadas de erros frequentes:

- a) FERNANDVS/c/REX/c/PORTVGAL
- b) FERNANDVS/c/REX/c/PORTVGALI/c/A
- c) FERNANDVS/c/REX/c/PORTVGAI/c/
- d) FERNANDVS/c/REX/c/PORTVGAI/i/
- e) FERNANDVS/c/REX/c/PORTVGAIS
- f) FERNANDVS/c/RREX/c/PORTVGAL

Em dois dos cunhos pertencentes a este conjunto, a cruz apresenta aspecto peculiar dos topos, com uma saliência mediana acuminada, que, interrompendo a concavidade habitual, lhes confere contorno bilobado.

Conjunto C.4 (inédito) — Também formado por reversos com desenho tosco, muito semelhante ao dos reversos do conjunto precedente, mas que se distinguem destes pela ausência de qualquer sinal no campo.

(1) É provável que a variante **d** do inventário de 1978, publicada com falta de algumas letras (ilegíveis no exemplar então estudado), não seja mais do que a variante agora referida com a letra **l**.

(2) O **B** da palavra TIMEBO está invertido.

As legendas abrem por cruz dos **tipos 1, 3 ou 4** e correspondem às seguintes variantes:

- a) FERNANDVS/c/REX/c/PORTVG
- b) FERNANDVS/c/REX/c/PORTVGAL
- c) FERNANDVS/d/REX/d/PORTVGA/d/ (1)
- d) FERNANDVS/c/RXE/c/PVRTVGA (2)
- e) FERNANDVS/i/REX/i/PORTVAI/c/
- f) FEINDVS/c/IE(X)/c/POITVGALV/c/P (3)

GRUPOS MONETÁRIOS

O lote revelou a existência dos seguintes grupos monetários inéditos emitidos pela casa da moeda da Corunha:

C.1/C.2

C.2/C.3

C.2/C.4

Os **grupos C.2/C.3 e C.2/C.4** apresentam características que os fazem considerar como correspondentes a emissões não regulares. Essas características são praticamente sobreponíveis às das emissões homólogas assinadas com a letra **P**, o que leva a pensar que a abertura dos cunhos terá sido efectuada, em ambos os casos, pelo mesmo gravador ou grupo de gravadores.

CASA DA MOEDA COM LOCALIZAÇÃO DESCONHECIDA (Q)

Oito das barbudas incluídas no lote estão assinadas com a letra Q, inscrita no campo do anverso, à esquerda da celada. Dado que todas elas foram lavradas com cunhos diferentes da face principal, parece agora altamente improvável a hipótese, sugerida por um dos autores do presente artigo (Gomes Marques⁷), de que tal símbolo poderia ser a consequência de um erro de gravador, resultante de má interpretação do **C** fechado e cedilhado que existiria no modelo que lhe fora fornecido. Na realidade, mesmo com a deficiente verificação de qualidade que talvez existisse nas casas da moeda improvisadas, não é crível que semelhante erro não fosse detectado antes de se concluir a abertura de quase uma dezena de cunhos fixos.

Por conseguinte, embora o tratamento dos vários elementos tipológicos se revele, nestes exemplares, estreitamente aparentado com o característico da casa da moeda que funcionou em Samora, não parece de aceitar que este centro

(1) O **S** de FERNANDVS está invertido.

(2) O **X** da palavra REX, aliás colocado antes do **E**, foi aberto com o mesmo punção que serviu para abrir a cruz inicial da legenda (cruz de **tipo 4**). Esse punção não foi sequer impresso em aspa, is sim na posição habitualmente usada para a cruz de abertura.

(3) O **D** da palavra FEINDVS (forma errada do nome do rei) está invertido.

emissor tenha usado, para determinados lavramentos, um símbolo que nenhuma tradição justificava e que não é relacionável com o toponímico.

Do que antecede, é lógico concluir que as moedas assinadas com a letra **Q** foram produzidas em outra localidade, cuja identificação permanece controversa.

ANVERSOS

Conjunto Q.1 (antigo **conjunto 13**) — Todos os anversos das barbudadas do lote assinadas com a letra **Q** exibem características muito semelhantes. Deste modo, não parece justificar-se a sua distribuição em vários conjuntos, com base em por menores tipológicos de valor taxonómico mais que duvidoso. Tal é o caso da existência ou não de pequenos aneletes apensos ao elmo e do seu número. De facto, ao contrário do que se pensou em 1978, nem todas as barbudadas deste conjunto apresentam um anelete no perfil anterior do elmo, colocado acima da viseira, e, pelo contrário, alguns dos exemplares exibem, para além desse, dois outros, dos quais um situado no limite posterior da base da coroa, enquanto o terceiro se inscreve na extremidade anterior da base do elmo.

As legendas abrem por cruz dos **tipos 1** ou **2** correspondem às seguintes variantes:

- a) FERNANDVS/j/RES/j/PORTVGALLES/j/AGA (1)
- b) FERNANDVS/i/RES/i/PORTVGALLES/i/AGA
- c) FERNANDVS/i/RES/i/PORTVGALIS/i/
- d) FERNANDVS/j/RES/j/PORTVGALIS/j/AL
- e) FERNANDVS/j/RES/j/PORTVGALIS/j/ALGA
- f) FERNANDVS/a/RES/a/PORTVGALIS/a/ALGAR
- g) FERNANDVS/a/RES/a/PORTVGALIS/a/ALGARV

REVERSOS

Conjunto Q.1 (antes integrado no **conjunto 11** de Samora) — Cruz com extremidades duplamente aguçadas por acentuada concavidade dos topos, de tipo semelhante ao usado pela casa da moeda de Samora. Escudo com cinco escudetes postos em cruz e discreta curvatura do chefe. Ausência de sinais no campo.

As legendas abrem por cruz dos **tipos 1** ou **2** e correspondem às seguintes fórmulas:

- a) SI/j/DNS/j/MICHI/j/AIVTOR/j/NON/j/TIMEBO
- b) SI/j/DNS/j/MICHI/j/AIVTOR/j/NON/j/TIMEB (2)

(1) Na descrição publicada em 1978, a única legenda referida terminava por A(L)GA, por se ter julgado existir uma letra mal gravada (possivelmente um **L**) entre o primeiro **A** e o **G** da abreviatura. Novo exame do exemplar que serviu para a descrição permitiu concluir que o relevo assim interpretado não é uma letra, mas sim um simples acidente de cunhagem. Por tal motivo, incluiu-se essa legenda, corrigida, na lista agora apresentada, como variante **a**.

(2) A letra **B** está invertida.

- c) SI/j/DNS/j/MICHI/j/AIVTOR/j/NON/j/TIRMEBO
- d) SIDNS/j/MICHI/j/AIVTOR/j/NON/j/TIMEB
- e) SIDNS/j/MICHI/j/AIVTO/j/NON/j/TIMEB
- f) SIDNS/c/MICHI/c/AIVTOR/c/NON/c/TIMEBO/c/QV (1)

Conjunto Q.2 (inédito) — Apenas se distingue do anterior pela existência de um pequeno quadrifólio centrado por grânulo ou roseta, no quarto quadrante do campo, no ângulo formado pelo braço horizontal da cruz com a bordadura.

As legendas abrem por cruz do **tipo 2** e correspondem às seguintes variantes:

- a) SIDNS/i/MICHI/i/AIVTOR/i/NON/i/TI
- b) SIDNS/i/MICHI/i/AIVTOR/i/NON/i/TIM
- c) SIDNS/i/MICHI/j/AIVTOR/j/NON/j/TIMBO (2)

GRUPOS MONETÁRIOS

O lote apenas revelou a existência de um grupo monetário inédito assinado com a letra **Q**:

Q.1/Q.2

As moedas pertencentes a este grupo não exibem sinais sugestivos de produção não regular.

MEIA BARBUDA

CASA DA MOEDA COM LOCALIZAÇÃO DESCONHECIDA (Q)

A meia barbuda que fazia parte do lote ostenta, no anverso, a letra **Q** e veio demonstrar que a casa da moeda que utilizou esta assinatura também emitiu a fracção posta a circular com o valor de dez soldos.

O exemplar em causa apresenta as seguintes características tipológicas:

ANVERSO

Conjunto Q.1 (inédito) — Elmo coroadado, com viseira acentuadamente angular. Sob o elmo, coexistem um escudo e a representação rudimentar do camal. Coroa com três floreados aparentes, que alternam com esboços de pontas. O remate do eixo de articulação da viseira está representado por pequena roseta. Paquífe pendente, formado por dois elementos, de que o mais longo, adossado ao elmo, tem prega longitudinal e extremidade livre talhada em bico, enquanto o mais curto apresenta truncatura da extremidade livre. Escudo obliquamente colocado, com a ponta para a direita. No escudo, há cinco escudetes postos em cruz, representados por grânulos. No campo, respectivamente à esquerda e à direita do el-

(1) É a legenda referida, em 1978, como variante **g** do **conjunto 11**.

mo, existem a letra **Q** e uma roseta. No espaço delimitado pelo escudo, a base do elmo e o contorno anterior do paquife, está inscrita outra roseta.

A legenda abre por cruz do **tipo 2**:

a) FERNANDVS/i/RES/i/PORTVG(AI)

REVERSO

Conjunto Q.1 (inédito) — Cruz com extremidades duplamente aguçadas, por acentuada concavidade dos topos. Escudo com cinco escudetes postos em cruz. Não há sinais no campo.

A legenda abre por cruz do **tipo 1** e tem a curiosa particularidade de exhibir, alternadamente, duas variedades de sinais separadores:

a) SIDNS/g/MICHI/j/AIVTOR/g/NON/j/T

GRUPO MONETÁRIO

Com o aparecimento do lote, a tipologia das meias barbudas ficou enriquecida com um novo grupo monetário, a que cabe a referência Q.1/Q.1.

CONEXÕES POR CUNHOS

No lavramento das 133 barbudas que faziam parte do lote, foram usados 96 cunhos com a imagem do elmo coroadado (que se identificam, no catálogo das moedas, com as referências **a.1** a **a.96**) e 115 cunhos da face oposta (identificados, no mesmo catálogo, com as referências **r.1** a **r.115**). Tais cunhos estão emparelhados em 118 associações diferentes. Daqui se infere a existência de várias conexões por cunhos entre as moedas do lote, conexões essas que se encontram representadas na **Fig. 3**.

Compulsando os dados resumidos na **Fig. 3** com os constantes do catálogo dos exemplares estudados, é fácil concluir que a maior incidência de conexões, especialmente das conexões duplas, se verifica nos grupos monetários que possivelmente correspondem a emissões não regulares. Tal facto é merecedor de relevo, visto revelar que os exemplares pertencentes a esses grupos devem ter sido incluídos no conjunto de moedas que o lote representa sem uma fase prévia de circulação significativa. Sugere portanto, uma relativa proximidade entre o local em que se processaram as respectivas emissões e a zona geográfica de formação do referido conjunto.

CATÁLOGO

A existência de descrições pormenorizadas dos grupos monetários já conhecidos (Gomes Marques⁸) e a caracterização a que se procedeu dos aspectos tipológicos inéditos revelados pelos exemplares do lote permitem a apresentação do catálogo destes últimos sob a forma simplificada de quadros (**Quadros VI a XV**).

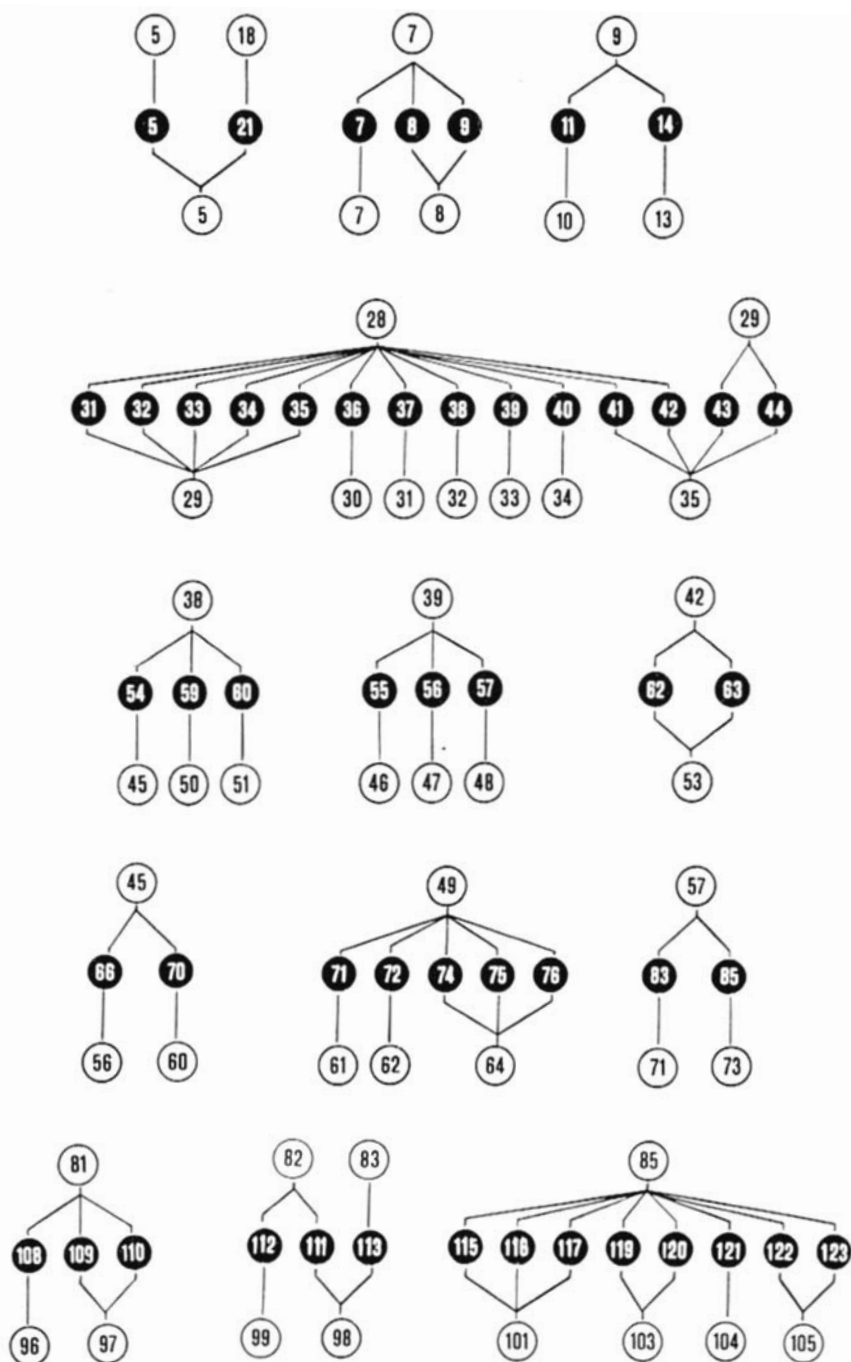


Fig. 3 - Conexões por cunhos entre as moedas do lote.

QUADRO VI

BARBUDAS

CASA DA MOEDA DO PORTO – GRUPOS MONETÁRIOS CONHECIDOS

N.º	TIPOLOGIA	CUNHOS	PESO (g)	MÓDULO (mm)	EIXO	NOTAS
1	P.1d/P.4d	a.1/r.1	3,97	26-27	2	(1/1), a
2	P.4c/P.5g	a.2/r.2	4,07	26-27	4	(1/1), a
3	P.5v/P.5f	a.3/r.3	3,96	26-28	3	(1/1), a
4	P.5l/P.6a	a.4/r.4	4,37	26-27	12	(1/?), b
5	P.5l/P.6i	a.5/r.5	3,65	27	1	(1/?), b
6	P.5n/P.6b	a.6/r.6	4,08	28	8	(1/1), b, c
7	P.5n/P.6b	a.7/r.7	3,83	26	12	(1/1), b, d
8	P.5n/P.6c	a.7/r.8	3,98	27	9	(1/1), b, d
9	P.5n/P.6c	a.7/r.8	4,32	26-27	2	(1/1), b, d
10	P.5p/P.6a	a.8/r.9	4,15	27	5	(?/?), b
11	P.5p/P.6a	a.9/r.10	4,32	27	6	(1/1), b, e
12	P.5p/P.6c	a.10/r.11	4,11	27	8	(1/1), b, f, g
13	P.5p/P.6c	a.11/r.12	4,28	28	4	(1/1), b, e
14	P.5p/P.6c	a.9/r.13	4,32	26	9	(1/1), b, e
15	P.5p/P.6d	a.12/r.14	3,67	27	2	(1/1), b, h
16	P.5p/P.6j	a.13/r.15	4,11	28	6	(1/?), b
17	P.5p/P.6m	a.14/r.16	4,24	26-27	5	(1/?), b
18	P.5q/P.6c	a.15/r.17	4,25	26	10	(1/?), b, i
19	P.5q/P.6c	a.16/r.18	4,36	26-27	7	(1/1), b, f
20	P.5r/P.6c	a.17/r.19	3,93	26	7	(1/1), b, j, l
21	P.5t/P.6i	a.18/r.5	3,65	27	1	(?/1), b
22	P.5t/P.6i	a.19/r.20	4,24	27	3	(1/1), b
23	P.5t/P.6i	a.20/r.21	4,32	27	9	(1/1), b
24	P.5t/P.6m	a.21/r.22	4,41	27	8	(1/1), b
25	P.5t/P.6m	a.22/r.23	4,24	27	12	(?/?), b
26	P.5t/P.6m	a.23/r.24	4,33	27	4	(1/1), b
27	P.5u/P.6b	a.24/r.25	4,40	27	11	(?/1), b, c
28	P.5u/P.6c	a.25/r.26	4,48	27	1	(1/?), b, c

NOTAS

Os números colocados entre parênteses e separados por barra indicam os tipos de cruz de abertura (Fig. 1) das legendas do anverso e do reverso das moedas a que correspondem.

- a — Grânulo na periferia do campo do anverso, à esquerda da coroa.
- b — Dois grânulos na periferia do campo do anverso, um à esquerda e um à direita da coroa.
- c — Símbolo I no campo do anverso, à esquerda da celada.
- d — Símbolo ÇR no campo anverso, à esquerda da celada.
- e — Símbolo G no campo do anverso, à esquerda da celada.
- f — Símbolo A no campo do anverso, à esquerda da celada.
- g — Impossível garantir a existência de roseta no terceiro quadrante do campo do reverso, por má impressão da área correspondente.
- h — Símbolo G, não encimado por ponto, à esquerda da celada.
- i — Símbolo I, não encimado por ponto, à esquerda da celada.
- j — Símbolo P no campo do anverso, à esquerda da celada.
- l — Anverso ressaltado.

QUADRO VII

BARBUDAS

CASA DA MOEDA DO PORTO – GRUPOS MONETÁRIOS INÉDITOS

N.º	TIPOLOGIA	CUNHOS	PESO (g)	MÓDULO (mm)	EIXO	NOTAS
29	P.5p/P.8a	a.26/r.27	4,30	27-28	8	(1/?), a, b
30	P.5p/P.8b	a.27/r.28	4,34	27-28	7	(1/1), a, c
31	P.6a/P.9a	a.28/r.29	3,95	26	7	(5/4), d
32	P.6a/P.9a	a.28/r.29	4,09	26	9	(5/4), d
33	P.6a/P.9a	a.28/r.29	4,02	26	9	(5/4), d
34	P.6a/P.9a	a.28/r.29	3,85	26	9	(5/4), d
35	P.6a/P.9a	a.28/r.29	3,79	27	9	(5/4), d
36	P.6a/P.9b	a.28/r.30	3,40	26	9	(5/4), d
37	P.6a/P.9c	a.28/r.31	3,54	26	5	(5/4), d
38	P.6a/P.10a	a.28/r.32	4,45	26	2	(5/1), d
39	P.6a/P.10b	a.28/r.33	4,40	26	6	(5/6), d
40	P.6a/P.10c	a.28/r.34	3,96	26-27	12	(5/?), d
41	P.6a/P.11a	a.28/r.35	3,64	27	7	(5/4), d
42	P.6a/P.11a	a.28/r.35	4,41	27	6	(5/4), d
43	P.6b/P.11a	a.29/r.35	4,07	26-27	3	(4/4), d
44	P.6b/P.11a	a.29/r.35	4,06	27-28	7	(4/4), d
45	P.7a/P.9d	a.30/r.36	3,98	26-27	4	(?/4), e

NOTAS

Os números entre parênteses têm o mesmo significado que no quadro anterior.

- a — Dois grânulos na periferia do campo do anverso, um à esquerda e o outro à direita da coroa.
- b — Símbolo P no campo do anverso, à esquerda da celada.
- c — Símbolo A no campo anverso, à esquerda da celada.
- d — Símbolo P, não encimado por ponto, à esquerda da celada.
- e — Símbolo O, no campo do anverso, à esquerda da celada.

QUADRO VIII

BARBUDAS

CASA DA MOEDA DE MIRANDA DO DOURO

N.º	TIPOLOGIA	CUNHOS	PESO (g)	MÓDULO (mm)	EIXO	NOTAS
46	M.1e/M.1e	a.31/r.37	5,11	28	12	(1/1), a

NOTAS

Como nos quadros anteriores, os números entre parênteses indicam os tipos de cruz de abertura das legendas.

a — Reverso ressaltado.

QUADRO IX

BARBUDAS

CASA DA MOEDA DE TUI - GRUPO MONETÁRIO CONHECIDO

N.º	TIPOLOGIA	CUNHOS	PESO (g)	MÓDULO (mm)	EIXO	NOTAS
47	T.1a/T.1a	a.32/r.38	4,56	26	12	(2/2)
48	T.1a/T.1a	a.33/r.39	4,98	27	1	(?/?)
49	T.1a/T.1d	a.34/r.40	4,16	27	11	(?/2)
50	T.1b/T.1d	a.35/r.41	4,85	26	3	(2/2)
51	T.1c/T.1e	a.36/r.42	4,04	27	5	(2/2)

NOTAS

Os números entre parênteses indicam os tipos de sinal de abertura das legendas.

QUADRO X**BARBUDAS****CASA DA MOEDA DE TUI – GRUPOS MONETÁRIOS INÉDITOS**

N.º	TIPOLOGIA	CUNHOS	PESO (g)	MÓDULO (mm)	EIXO	NOTAS
52	T.2a/T.1c	a.37/r.43	3,68	26	9	(?/2)
53	T.2a/T.1d	a.37/r.44	3,77	26-27	3	(2/?)
54	T.2a/T.1f	a.38/r.45	4,47	26	2	(2/1)
55	T.2b/T.1b	a.39/r.46	4,24	26-27	4	(2/1)
56	T.2b/T.1c	a.39/r.47	4,62	27	1	(2/?)
57	T.2b/T.1e	a.39/r.48	4,02	26-27	9	(2/2)
58	T.2c/T.1f	a.40/r.49	3,59	26-27	5	(2/2)
59	T.2a/T.2b	a.38/r.50	4,99	26	11	(2/2)
60	T.2a/T.3d	a.38/r.51	4,08	27	11	(2/2)
61	T.3a/T.1h	a.41/r.52	4,31	26-27	3	(2/?)
62	T.3b/T.1e	a.42/r.53	3,82	27	7	(2/1)
63	T.3b/T.1e	a.42/r.53	3,11	27-28	4	(2/1)
64	T.3b/T.1g	a.43/r.54	4,34	26	7	(2/1)
65	T.3b/T.2d	a.44/r.55	3,82	27	3	(2/2)
66	T.4c/T.1i	a.45/r.56	4,01	27-28	1	(2/?)
67	T.4a/T.3b	a.46/r.57	4,28	27	2	(2/2)
68	T.4b/T.3b	a.47/r.58	4,32	27-28	4	(2/2)
69	T.4.d/T.3a	a.48/r.59	4,27	26-27	10	(2/2)
70	T.4c/T.4a	a.45/r.60	4,47	27	1	(2/2)
71	T.5a/T.2a	a.49/r.61	4,11	27	7	(2/2)
72	T.5a/T.2e	a.49/r.62	4,45	27	3	(2/2)
73	T.5a/T.3c	a.50/r.63	3,97	27	1	(2/2)
74	T.5a/T.3d	a.49/r.64	4,67	26	5	(2/2)
75	T.5a/T.3d	a.49/r.64	3,70	26	3	(2/2)
76	T.5a/T.3d	a.49/r.64	3,70	26	8	(2/2)
77	T.6a/T.2c	a.51/r.65	4,02	27	4	(2/2)
78	T.7a/T.5a	a.52/r.66	4,36	26-27	1	(2/2)

NOTAS

Os números entre parênteses indicam os tipos de cruz de abertura das legendas

QUADRO XI

BARBUDAS

CASA DA MOEDA DE CORUNHA – GRUPO MONETÁRIO CONHECIDO

N.º	TIPOLOGIA	CUNHOS	PESO (g)	MÓDULO (mm)	EIXO	NOTAS
79	C.1f/C.1l	a.53/r.67	4,06	26	1	(2/2), a, b
80	C.1f/C.1l	a.54/r.68	4,47	25	12	(2/2), c
81	C.1f/C.1l	a.55/r.69	4,47	25-26	10	(2/2), b
82	C.1f/C.1n	a.56/r.70	4,27	26	11	(2/2)
83	C.1g/C.1a	a.57/r.71	4,19	26-27	3	(2/2)
84	C.1g/C.1h	a.58/r.72	5,17	27	12	(2/2), d
85	C.1g/C.1l	a.57/r.73	4,35	25-26	11	(2/2)
86	C.1g/C.1l	a.59/r.74	4,42	25-26	9	(2/2), b
87	C.1g/C.1l	a.60/r.75	4,35	26	3	(2/2), c
88	C.1g/C.1n	a.61/r.76	5,06	27-28	7	(2/2)
89	C.1h/C.1n	a.62/r.77	4,53	26	6	(?/2)
90	C.1h/C.1p	a.63/r.78	4,47	26-27	3	(?/2)
91	C.1h/C.1q	a.64/r.79	4,39	27	5	(2/2)
92	C.1i/C.1r	a.65/r.80	4,49	27	8	(2/2)
93	C.1j/C.1i	a.66/r.81	4,24	27	1	(2/1)
94	C.1m/C.1n	a.67/r.82	4,42	26	7	(?/1)
95	C.1m/C.1n	a.68/r.83	4,06	26	11	(?/?)
96	C.1n/C.1h	a.69/r.84	4,48	26	3	(?/?)
97	C.1n/C.1n	a.70/r.85	4,24	26	5	(2/2)
98	C.1o/C.1a	a.71/r.86	4,17	26-27	11	(2/?)
99	C.1p/C.1a	a.72/r.87	4,35	26	9	(?/?)
100	C.1q/C.1o	a.73/r.88	4,80	26	6	(2/2)

NOTAS

Os números entre parênteses têm o mesmo significado que nos quadros anteriores.

- a — Grânulo no campo do anverso, às 4 horas.
- b — Anelete do campo do reverso centrado por ponto.
- c — Grânulo no campo do anverso, às 8 horas.
- d — Grânulo no campo do anverso, às 2 horas.

QUADRO XII**BARBUDAS****CASA DA MOEDA DE CORUNHA – GRUPOS MONETÁRIOS INÉDITOS**

N.º	TIPOLOGIA	CUNHOS	PESO (g)	MÓDULO (mm)	EIXO	NOTAS
101	C.1l/C.2b	a.74/r.89	3,75	25-26	7	(1/1)
102	C.1n/C.2a	a.75/r.90	4,27	26-27	2	(?/1)
103	C.1n/C.2c	a.76/r.91	4,16	27	12	(?/1)
104	C.1n/C.2c	a.77/r.92	4,37	27	3	(1/1)
105	C.1r/C.2d	a.78/r.93	4,55	27	3	(1/1)
106	C.1s/C.2a	a.79/r.94	4,19	26-27	5	(?/?)
107	C.1t/C.2a	a.80/r.95	4,51	28	6	(?/1)
108	C.2a/C.3b	a.81/r.96	4,03	26-27	5	(1/1)
109	C.2a/C.3c	a.81/r.97	2,60	27	12	(1/1), a
110	C.2a/C.3c	a.81/r.97	4,64	26	3	(1/1)
111	C.2b/C.3a	a.82/r.98	5,00	26	11	(1/1)
112	C.2b/C.3e	a.82/r.99	4,51	26-27	6	(1/1)
113	C.2c/C.3a	a.83/r.98	4,11	26	12	(1/1)
114	C.2d/C.3d	a.84/r.100	4,49	27	5	(1/1), b
115	C.2e/C.3a	a.85/r.101	4,94	26	2	(1/4)
116	C.2e/C.3a	a.85/r.101	4,39	27	1	(1/4)
117	C.2e/C.3a	a.85/r.101	3,24	27	1	(1/4)
118	C.2n/C.3f	a.86/r.102	4,13	26-27	6	(1/1), b
119	C.2e/C.4a	a.85/r.103	3,35	25-26	6	(1/3)
120	C.2e/C.4a	a.85/r.103	4,17	27-28	6	(1/3)
121	C.2e/C.4c	a.85/r.104	2,88	26-28	9	(1/4)
122	C.2e/C.4d	a.85/r.105	3,73	26	9	(1/4)
123	C.2e/C.4d	a.85/r.105	3,50	26-27	1	(1/4)
124	C.2f/C.4e	a.87/r.106	3,42	27	6	(1/1)
125	C.2m/C.4f	a.88/r.107	3,19	26	7	(1/1)

NOTAS

Os números entre parênteses indicam o tipo de cruz de abertura das legendas.

a — Exemplar mutilado na periferia.

b — Morfologia particular da cruz do reverso, com saliência acuminada a meio dos topos.

QUADRO XIII

BARBUDAS

CASA DA MOEDA COM LOCALIZAÇÃO IGNORADA (Q)

GRUPO MONETÁRIO CONHECIDO

N.º	TIPOLOGIA	CUNHOS	PESO (g)	MÓDULO (mm)	EIXO	NOTAS
126	Q.1b/Q.1c	a.89/r.108	4,03	28-29	12	(?/?)
127	Q.1e/Q.1b	a.90/r.109	4,11	29	11	(1/2), a
128	Q.1e/Q.1f	a.91/r.110	3,71	30	6	(1/?), a
129	Q.1f/Q.1d	a.92/r.111	4,15	27	3	(?/?)
130	Q.1f/Q.1e	a.93/r.112	4,37	27-28	3	(1/1)

NOTAS

Os números entre parênteses têm o mesmo significado que nos quadros anteriores.

a — Três aneletes na ornamentação do elmo.

QUADRO XIV

BARBUDAS

CASA DA MOEDA COM LOCALIZAÇÃO IGNORADA (Q)

GRUPO MONETÁRIO INÉDITO

N.º	TIPOLOGIA	CUNHOS	PESO (g)	MÓDULO (mm)	EIXO	NOTAS
131	Q.1c/Q.2a	a.94/r.113	3,51	29	12	(2/2), a
132	Q.1d/Q.2c	a.95/r.114	4,07	28	4	(2/2)
133	Q.1g/Q.2b	a.96/r.115	4,39	27-29	12	(?/?)

NOTAS

Os números entre parênteses têm o mesmo significado que nos quadros anteriores.

a — Três aneletes na ornamentação do elmo.

QUADRO XV

MEIA BARBUDA

CASA DA MOEDA COM LOCALIZAÇÃO IGNORADA (Q)

GRUPO MONETÁRIO INÉDITO

N.º	TIPOLOGIA	CUNHOS	PESO (g)	MÓDULO (mm)	EIXO	NOTAS
134	Q.1a/Q.1a	a.97/r.116	1,91	23-24	12	(2/1), a

NOTAS

Os números entre parênteses têm o mesmo significado que nos quadros anteriores.

a — Três aneletes na ornamentação do elmo.

METROLOGIA

BARBUDAS

Peso — Dado que o exemplar n.º 109 apresenta irregularidades de contorno, que denunciam perdas significativas de matéria, o estudo metrológico das moedas do lote incidiu sobre 132 barbudas. A distribuição ponderal dessas barbudas está graficamente representada na **Fig. 4**, em que é fácil constatar uma assimetria do tipo atribuível à exclusão predominante dos discos com pesos excessivos.

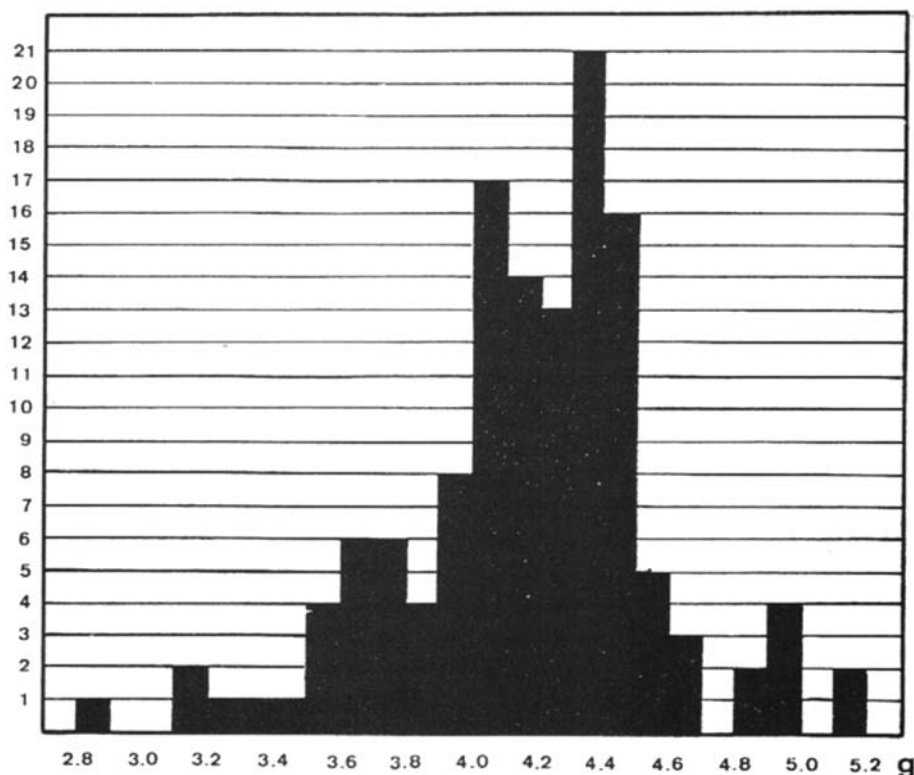


Fig. 4. - Distribuição ponderal das barbudas do lote.

Embora os valores observados se estendam de 2,88 g (57,8 grãos) a 5,17 g (103,8 grãos), a maioria dos exemplares (62 por cento) tem pesos compreendidos entre 4,0 g (80,3 grãos) e 4,5 g (90, 4 grãos). O valor médio encontrado para as moedas consideradas foi de 4,18 g (83,9 grãos) e o desvio padrão determinado para o conjunto foi de 0,40 g (8,0 grãos). O histograma revela ainda que o módulo se situa entre 4,30 g (86,3 grãos) e 4,40 g (88, 4 grãos) e que a mediana ronda os 4,20 g (84,3 grãos).

Desta forma, os elementos ponderais colhidos das moedas do lote são inteiramente compatíveis com a ideia de que lavramentos das barbudas obedeceram à talha oficial de 53 em marco (peso teórico de 4,33 g = 86,9 grãos), indicada por Fernão Lopes⁶ e já anteriormente aceite com base na pesagem de 114 exemplares de proveniências diversas. Além disso, os mesmos elementos indicam que, pelo menos no que ao peso médio se refere (1), a amoedação das bar-

(1) A lei sobre moedas, de 8 de Fevereiro de 1378, declara, expressamente, que o mesmo nem sempre aconteceu no que se refere à liga.

budas se processou em termos de quase rigoroso cumprimento das normas legais estabelecidas.

É também importante notar a estreita semelhança dos valores que se encontram, quando se consideram, em separado, as produções das várias casas da moeda representadas por números significativos de exemplares. De facto, as 46 barbudas produzidas sob a responsabilidade da Corunha têm o peso médio de 4,24 g (85,1 grãos), com o desvio padrão de 0,48 g (9,6 grãos), as lavradas sob a égide da casa da moeda do Porto (45 exemplares) o peso médio de 4,11 g (82,5 grãos), com o desvio padrão de 0,27 g (5,4 grãos), e as 35 moedas emitidas em Tui o peso médio de 4,18 g (83,9 grãos), com o desvio padrão de 0,42 g (8,4 grãos).

Em face dos valores referidos, parece razoável supor que o peso médio de 3,92 g (78,8 grãos), encontrado para as 114 barbudas que serviram de base ao estudo publicado em 1978 e que foi atribuído a uma amoedação menos correcta, representa antes o reflexo do desgaste, quase inaparente, sofrido por muitos exemplares circulados que se encontravam incluídos nas colecções então estudadas e que não se fez sentir nas moedas do lote.

Módulo — As barbudas agora examinadas confirmaram o predomínio dos exemplares com o módulo de 27 mm, ainda que sejam frequentes os diâmetros ligeiramente inferiores e menos comuns os que excedem esse valor. A tal respeito, vale a pena notar que parece evidente uma tendência para o uso de discos relativamente grandes por parte da casa da moeda que assinou com a letra **Q** (2) e, pelo contrário, certa preferência das casas da moeda de Tui e da Corunha pelos discos pequenos.

MEIA BARBUDA

Pelo que respeita à meia barbuda — peso de 1,91 g — apenas se pode afirmar que se enquadra nos parâmetros ponderais apontados, em 1978, para a fracção que representa (peso médio de 1,95 g, com o desvio padrão de 0,17 g em 37 exemplares examinados).

O módulo (23 - 24 mm) excede o mais frequente (22 mm) e parece indicar que, no caso das meias barbudas, a casa da moeda que assinou com a letra **Q** também mostrou preferência pelos discos relativamente grandes, como aconteceu nos lavramentos da denominação unitária.

ASPECTOS TÉCNICOS

A aplicação do método de Lyon-Carter (Carter^{1,2}) às barbudas produzidas

(2) O único exemplar proveniente de Miranda, com o diâmetro de 28 mm, reforça a noção existente de que a casa da moeda que aí trabalhou também preferiu os módulos relativamente amplos.

no Porto, em Tui e na Corunha sugere que, nas emissões que lhes correspondem, devem ter sido usados 295 ± 33 cunhos com o elmo coroado e 721 ± 127 cunhos da face oposta. Mesmo tendo em conta as limitações do método, é indubitável que os primeiros se destinaram à impressão do anverso técnico e é razoável supor que a sua duração média deve ter sido cerca de duas vezes e meia superior à dos últimos.

O estudo comparativo dos exemplares produzidos pelas várias casas da moeda representadas no lote confirmou a ideia de que o tratamento dado aos vários elementos tipológicos fundamentais foi específico de cada localidade. Todavia, é evidente que a especificidade não resultou do emprego de técnicas diferentes de abertura dos cunhos, que tivessem conduzido a soluções artísticas diversas, por mais favoráveis a cada uma delas. De facto, não se observam indícios de que essa possibilidade se tenha concretizado no caso do lavramento das barbudas. Todos os exemplares, independentemente da sua origem, exibem características reveladoras de que os cunhos usados na sua produção foram abertos por gravadores que se serviram de utensílagens do mesmo tipo, que as manusearam de forma idêntica e cujo valor técnico — com a evidente excepção dos que fabricaram os cunhos para o lavramento das emissões não regulares — não seria muito diferente.

Ainda a propósito da técnica de abertura dos cunhos, cabe referir a quase completa identidade de alguns deles, que é fortemente sugestiva do emprego de punções com os elementos fundamentais do desenho, seguido de afeiçoamento individual dos pormenores mal gravados.

A contrastar com a boa qualidade da gravação dos cunhos, a preparação dos discos parece ter sido menos cuidada, mesmo no caso das emissões regulares. Há variações sensíveis de módulo de moeda para moeda e o desvio padrão que se referiu para o peso peca por demasiadamente amplo, mesmo para os níveis de exigência da época. Houve, sem dúvida, a preocupação de se evitarem desvios sensíveis no número de moedas obtidas do marco de bolhão, mas houve também acentuada indiferença pelo peso individual de cada exemplar. Tal atitude é fácil de compreender, desde que se recorde a celeridade certamente imposta no lavramento das barbudas. No entanto, essa celeridade não conduziu ao abandono completo das exigências de qualidade na preparação dos discos, como o provam a regularidade quase constante dos contornos e a virtual inexistência de afastamentos superiores a 1 mm entre os diâmetros extremos de cada exemplar.

Quanto à cunhagem propriamente dita, é necessário reconhecer que a celeridade imposta à produção não colidiu, de forma significativa, com a sua qualidade. Não há exemplares descentrados, os ressaltos são raros, o relevo é uniforme e satisfatório e não se encontram sinais da utilização de cunhos francamente deteriorados. Uma vez que a recolha de exemplares defeituosos seria incompatível com a urgência, a sua extrema raridade indica excelente nível técnico dos cunhadores, tanto mais que o estudo dos eixos (**Fig. 5**) demonstra que não foram usados dispositivos mecânicos de articulação dos cunhos.

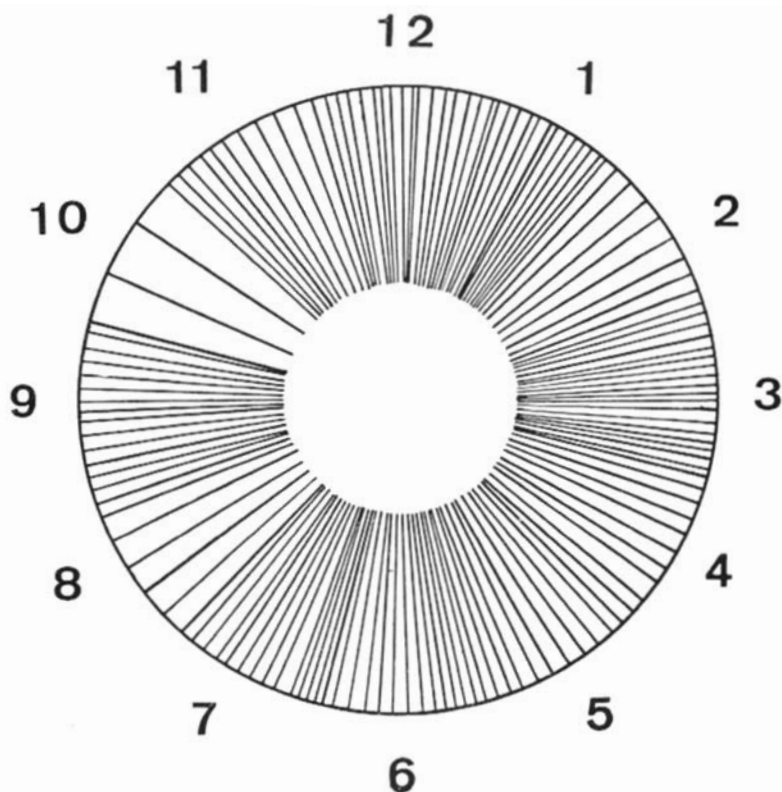


Fig. 5 - Frequências das orientações dos eixos nas barbudas do lote. O gráfico foi obtido repartindo uniformemente por cada sector todos os eixos a que foi atribuído o número correspondente. Deste modo, dois eixos exactamente sobreponíveis estão representados por raios não coincidentes e cujas orientações podem divergir de até 30° . Apesar desta margem de inexactidão, aliás sem significado de maior no caso das cunhagens em que não foram usados dispositivos mecânicos de articulação de cunhos, a forma de representação adoptada é útil, visto dar ideia imediata das concentrações dos eixos em cada sector e assim alertar para a eventual existência de práticas relacionadas com a orientação relativa dos cunhos.

NATUREZA DO LOTE

A uniformidade do estado de conservação das 134 peças, a distribuição geográfica das casas da moeda responsáveis pela produção da maioria ou talvez mesmo da totalidade dos exemplares, as numerosas conexões por cunhos detectadas e a elevada incidência de tipos inéditos ou da mais alta raridade são outros tantos elementos que quase excluem a hipótese de estar em causa um lote recentemente formado e abonam a favor da veracidade da informação de que todas as moedas provêm de um único achado.

Por outro lado, atendendo às práticas usuais no comércio numismático, é altamente improvável que o lote tenha resultado da fragmentação de um achado que incluísse outras denominações ou exemplares mais comuns da série das barbudas. De facto, os vendedores não optaram pela oferta avulsa ou de pequenos grupos de moedas, mas antes pela transacção, em conjunto, de um número invulgarmente elevado de espécies altamente cotadas e, conhecendo o interesse do comprador pelas moedas medievais portuguesas, é quase certo que, no caso de possuírem outras peças da mesma proveniência, lhe teriam proposto a sua aquisição. Além disso, se o achado tivesse incluído exemplares mais comuns, o seu desdobramento com formação de um lote como o que foi posto à venda seria ilógico, visto que, sem trazer qualquer vantagem aos comerciantes, lhes faria perder a oportunidade de venda fácil, com valorização por arrastamento, das espécies menos atraentes.

É pois razoável admitir que o achado terá consistido apenas de elementos da série das barbudas pertencentes a grupos monetários inéditos e pouco comuns. E é também de admitir que, a ter sofrido fragmentação, esta terá sido do tipo que resulta da subtracção de alguns exemplares, guardados pelo achador ou cedidos por este como recordações, isto é, uma fragmentação não selectiva em termos numismáticos.

Consequentemente, e dado que toda a produção das barbudas se processou durante o ano de 1370 (Gomes Marques e Peixoto Cabral⁹), o lote deve corresponder à maior parte ou mesmo à totalidade de um pequeno tesouro, do tipo dos formados em curto prazo e que, muitas vezes, representam importâncias reunidas para uma só transacção.

EMISSIONES NÃO REGULARES

Razões já expostas a propósito dos aspectos tipológicos inéditos revelados pelo lote levam a crer que algumas das barbudas que dele faziam parte devem representar emissões não regulares, que, embora ostentem as assinaturas do Porto (15 exemplares) e da Corunha (18 exemplares), foram produzidas fora das localidades em que funcionaram casas da moeda. Apesar da dualidade de assinaturas, tais barbudas exibem traços sugestivos de influência dominante do estilo usado pela casa da moeda da Corunha e estão marcadas de pormenores que denunciam o trabalho de um só gravador ou grupo de gravadores, aliás de modes-

tos recursos artísticos. São estes os dados disponíveis para a discussão dos problemas levantados pelas moedas em causa, nomeadamente o do motivo ou motivos que determinaram a realização das correspondentes emissões e o do local ou locais em que se efectuaram os lavramentos.

Em termos genéricos, as emissões oficiais não regulares resultaram, quase sempre, de necessidades urgentes de liquidez, em circunstâncias que tornavam difíceis ou mesmo impossíveis os suprimentos, em tempo útil, pelas casas de moeda existentes. Assim se compreende que os governantes em viagem, os comandantes de exércitos em campanha e os responsáveis por centros urbanos isolados por assédio se contem entre os autores mais frequentes dessas emissões. Em qualquer dos casos, quando se inseriam em séries correntes de cujos tipos faziam parte marcas de origem, as correspondentes moedas foram, muitas vezes, diferenciadas por símbolos indicativos das localidades em que se processavam os lavramentos. Contudo, nem sempre isso acontecia, surgindo então moedas não assinadas (Oro! Pernas¹²) ou marcadas com símbolos não relacionados com os locais de origem. Quando se verificava esta última possibilidade, os símbolos podiam referenciar (a) a entidade emissora, (b) indivíduos directamente responsáveis pelos lavramentos, (c) a proveniência do metal usado na amoedação (Stahl¹⁶), (d) o destino do numerário produzido, ou (e) uma casa da moeda em actividade, que, por qualquer motivo, se considerava administrativamente relacionada com a emissão, embora a cunhagem se realizasse fora das suas oficinas.

No caso vertente, os símbolos inscritos no campo do anverso são, sem dúvida, abreviaturas dos toponímicos de localidades em que funcionavam casas da moeda. Por conseguinte, e uma vez que as anomalias detectadas são praticamente incompatíveis com a produção nessas instituições, apenas há que considerar as três últimas das hipóteses referidas.

Sucede que tanto a primeira como a segunda se afiguram improváveis. É evidente que o Porto e a Corunha utilizavam numerários de outras proveniências que os acasos da circulação lhes faziam chegar. Mas seria estranho que se fornecessem de numerário para esse fim especificamente produzido em oficinas improvisadas. Por outro lado, também não deixaria de ser estranho, ainda que não impossível, que centros emissores estabelecidos, dispondo de facilidades oficiais, suprissem carências periféricas de moeda, que lhes competiria colmatar, mediante envio de metal em barra, para ser cunhado em condições deficientes, em vez de o fazerem enviando numerário da sua lava.

Deste modo, por exclusão, a terceira hipótese apresenta-se como a mais provável e há que procurar uma explicação lógica para a relação de tipo administrativo que terá vinculado as casas da moeda do Porto e da Corunha a emissões, que tudo leva a crer pouco abundantes, produzidas fora das suas oficinas.

Para tanto, interessa recordar que, na época da emissão das barbudas, o interesse do erário pela compra de prata foi enorme. Tal compra era, então, altamente lucrativa, visto que um marco de prata de 11 dinheiros, pago com 27 barbudas, daria, em condições teóricas de amoedação sem perdas, para a cunhagem de 194, (3) destas moedas. Por sua vez, as populações responderam à pro-

cura com entusiasmo, levando às casas da moeda grande parte da prata que possuíam, nomeadamente sob a forma de espécies antigas. O aumento imediato de riqueza nominal, que resultava de venderem por 27 libras uma quantidade de prata que pouco tempo antes estava cotada em 18 libras e 14 soldos, fazia esquecer a enorme diferença entre as quantidades de metal precioso entregues e recebidas.

Mas, numa época caracterizada pela instabilidade e em áreas geográficas assoladas por uma guerra, as pessoas por certo não estariam inclinadas para a entrega de bens a crédito. E, numa fase em que a desvalorização foi galopante, é também certo que a subida de preços alertaria, em curto prazo, para a péssima “qualidade” das novas moedas. Assim, para ser coroada de sucesso, a operação em que o erário se encontrava empenhado exigia pagamentos imediatos e grande rapidez de execução.

Além disso, as dificuldades e insegurança dos transportes, a que Fernão Lopes⁶ alude, indirectamente, ao tratar do assunto, impediriam uma parte significativa das populações afastadas dos centros emissores de vender a estes a sua prata. A solução lógica para contornar a dificuldade consistia em ir ao encontro das populações mais distantes e é natural que ela não tenha escapado aos responsáveis pelo processo.

Consequentemente, é de supor que terá havido, pelo menos nas regiões que foram teatro de hostilidades, agentes do erário, talvez temporariamente agregados às forças militares ou às autarquias, cuja missão primordial seria a compra de toda a prata que lhes fosse oferecida. E é também de pensar que esses agentes precisavam de dispor de barbudas já cunhadas para a efectivação imediata dos pagamentos.

Tendo em conta os condicionalismos do fornecimento de metais preciosos, não custa admitir que a prata comprada em determinadas áreas se destinasse a alimentar várias casas da moeda, de acordo com normas de rateio previamente acordadas. Se tal aconteceu, é provável que os agentes encarregados das compras recebessem adiantamentos das várias casas da moeda que forneciam, concretizados em barbudas com as correspondentes assinaturas. Ao prestarem contas, as quantidades de prata entregues a cada uma delas deveriam compensar exactamente a diferença entre as barbudas recebidas e as devolvidas à mesma instituição. Deste modo, os encontros seriam muito simples e haveria quase completa impossibilidades de erros e de fraudes.

O único senão de um esquema deste tipo consistia no eventual esgotamento das barbudas entregues por uma ou mais das casas da moeda envolvidas no processo. Perante tal eventualidade, a urgência poderia obrigar à produção local, mediante recurso a gravadores disponíveis e precedendo autorização dos centros emissores interessados. Se esta possibilidade se verificou, é de crer que a autorização seria acompanhada de condicionalismos, que incluíam uma definição exacta do volume de cada emissão não regular e a obrigatoriedade de marcar os correspondentes exemplares com a assinatura da casa de moeda cujos interesses se destinavam a servir. Assim se manteria a simplicidade de contas e se minimizariam os riscos adicionais de desacerto.

A hipótese apresentada, de comprovação difícil por falta de bases documentais, não colide com o que se sabe sobre as práticas da época e tem o mérito de oferecer explicação plausível para a existência das barbudas anómalas marcadas com os símbolos **P** e **CR V**: Tais barbudas teriam sido produzidas, em situações de carência do numerário regular, para não se suspenderem as aquisições de prata destinadas às casas da moeda que assinavam com esses símbolos. A hipótese alternativa de estarem em causa moedas especificamente destinadas ao pagamento de forças militares cujos financiamentos competiriam ao Porto e à Corunha está menos de acordo com os conhecimentos que existem sobre as vias usuais de remuneração dos combatentes.

De qualquer modo, a elevada frequência dessas barbudas no achado e o desconhecimento de exemplares semelhantes aparecidos em outros locais apontam para uma produção realizada dentro da própria área geográfica de individualização do tesouro ou na sua vizinhança imediata.

MOEDAS COM LETRA Q

Entre as moedas emitidas em nome de D. Fernando durante a primeira guerra contra Henrique de Trastâmara, algumas existem em que a letra **Q** se encontra inscrita no campo, em posições habitualmente ocupadas pelo indicativo de origem. Até ao momento da descoberta do lote que serviu de base ao presente trabalho, apenas se conheciam, com essa particularidade, raríssimas barbudas e não menos raros meios torneses em que o motivo principal do reverso é uma torre com morfologia peculiar.

Foi a propósito de um exemplar destes últimos que Batalha Reis¹³ sugeriu a possibilidade de a letra **Q** corresponder à assinatura de uma hipotética casa da moeda, que teria lavrado em Cória, na fase em que esta localidade tomou voz por D. Fernando. Tal opinião foi contestada por um outro numismata, Pinto Garcia⁴, com base na ideia de que a torre do reverso seria o emblema da Corunha e de que todos os meios torneses em que a mesma aparece teriam sido produzidos na casa da moeda que aí funcionou. Como argumento complementar a favor da sua doutrina, o mesmo autor afirmou que a letra **Q** estaria mais de acordo com uma grafia deturpada do correspondente toponímico (Querunha) do que com qualquer grafia possível do toponímico Cória. Embora Batalha Reis, em carta dirigida a Pinto Garcia e por este publicada (Pinto Garcia⁴) tenha reconhecido a validade dos comentários aduzidos contra a sua hipótese, o facto é que, em trabalhos que posteriormente deu à estampa, continuou a atribuir a Cória as moedas com a letra **Q** (Batalha Reis¹⁴).

Não deixa de ser curioso notar que, na discussão do problema, nenhum dos referidos estudiosos se referiu à tipologia das barbudas que ostentam o símbolo em questão, mas sim e apenas à tipologia dos meios torneses. O facto é tanto mais estranho quanto é certo que o tratamento dado a ambas as faces dessas barbudas exclui, na prática, a possibilidade de estarem em causa exemplares produzidos na casa da moeda da Corunha. Na realidade, o perfil angular do elmo do anverso em nada se parece com o usado nas barbudas lavradas na Corunha, o mesmo acontecendo com a morfologia da cruz do reverso. Pelo contrário, o busto do rei e, sobretudo, o desenho da cruz têm características muito semelhantes às dos elementos homólogos das barbudas cunhadas em Samora.

Foi tendo em conta tais semelhanças que um dos autores do presente artigo (Gomes Marques⁷) sugeriu outra hipótese: A de que as moedas que exibem a letra **Q** correspondessem a lavramentos realizados em Samora, com uns poucos cunhos, em que o controverso símbolo teria sido aberto por lapso de um gravador, com indiscutível mérito artístico mas não familiarizado com o **C** fechado e cedilhado que existiria nas instruções que recebera sobre o trabalho a efectuar.

Acontece que o lote agora estudado veio trazer novas achegas para a interpretação do assunto. Dele faziam parte nada menos de oito barbudas com a letra **Q**, todas elas produzidas com cunhos diferentes e uma meia barbuda assinada com o mesmo sinal. Com a descoberta destes exemplares, o número de cunhos já identificados com essa marca passou largamente a dezena e, por consequência, perdeu credibilidade a hipótese de estar em causa um erro de gravador, tanto mais que a sua descoberta seria fácil e a sua importância teria justificado uma pronta correcção.

Além disso, o facto de não fazerem parte do lote barbudas indiscutivelmente produzidas em Samora e de nele apenas existir um exemplar de Miranda é muito sugestivo de que estas localidades estariam, na época da formação do tesouro, praticamente isoladas da área geográfica em que a mesma se processou. E, dado que, por outro lado, todas as casas da moeda perfeitamente identificadas com representação significativa no lote se situavam na orla litoral da região galaico-duriense, é lógico pensar que a referida área faria parte desta região e que se situaria a noroeste da zona de bloqueio, sem dúvida criada pela actividade bélica dos partidários de Henrique de Trastâmara ao longo do clássico corredor de invasão que vai de Verín a Chaves e nas zonas situadas ao redor de Vinhais, do Outeiro de Miranda, de Bragança e de Sedavim (**Fig. 6**).

Nestes termos, tendo presentes as vias patentes de acesso à área de formação do tesouro e a inclusão no lote de um número não despreciando de moedas marcadas com a letra **Q**, é razoável concluir que o centro emissor que assim assinou também devia estar localizado na região galaico-duriense e nunca em Samora ou em Cória. Contudo, é muito improvável que se situasse na mencionada orla litoral, onde três casas da moeda, com produções relativamente abundantes, deveriam chegar para o abastecimento em numérico.

Há pois que tentar a identificação do centro emissor em causa com uma localidade da região galaico-duriense, relativamente afastada da zona costeira. E,

atendendo à prática sistematicamente usada nas cunhagens de D. Fernando, é de supor que se trate de uma localidade cujo toponímico se inicie pela letra **Q**. Ora sucede que, no teatro de operações do norte e com essa inicial, existem, pelo menos, três localidades: Quiroga, no sudeste da Galiza, e Quiraz e Quintanilha, em território português. Mas sucede também que há argumentos válidos contra a hipótese de as moedas com a letra **Q** terem sido produzidas em Quiraz ou Quintanilha. Em primeiro lugar, estas duas provações fazem parte da zona em que as forças afectas a Henrique de Trastâmara se movimentavam com maior liberdade. Depois, as fórmulas usadas nas legendas são galaicas e nada semelhantes às dos exemplares lavrados em Portugal. E, finalmente, as moedas com letra **Q** revelam, em termos gerais, excelente qualidade técnica e artística, que é difícil de conciliar com o trabalho de oficinas improvisadas em povoações de modestíssima importância. Pelo contrário, a hipótese de Quiroga é mais aliciante: Estava situada em zona de forte implantação dos partidários de D. Fernando. Era um centro mineiro com antiquíssimas tradições, em que a presença de gravadores e de operários metalúrgicos aptos para a produção de boas cunhagens não surpreende. E também não pode surpreender a feição galaica das legendas das moedas marcadas com a letra **Q**, desde que se admita que o seu lavramento teve lugar em Quiroga.

FORMAÇÃO E OCULTAÇÃO DO TESOURO

A época de formação do tesouro pode ser definida com pequeníssima margem de erro. O facto de só incluir moedas da série das barbudas aponta para uma formação inteiramente realizada em 1370, enquanto que a variedade tipológica que caracteriza o achado indica que a individualização do tesouro teve lugar em fase já adiantada dos respectivos lavramentos, isto é, muito provavelmente, durante o Outono desse mesmo ano.

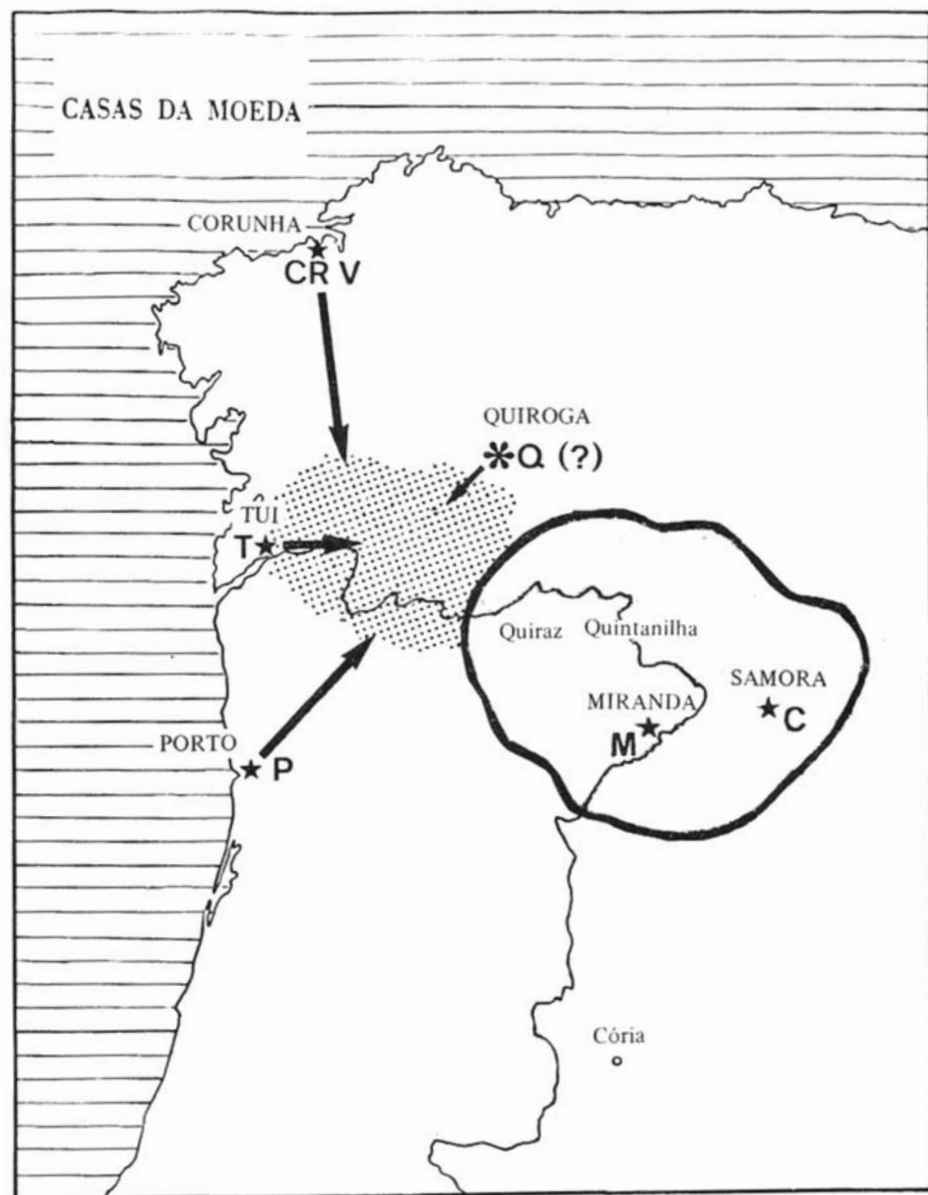


Fig. 6 - Área geográfica de formação do tesouro e casas da moeda. A zona pontuada corresponde à área em que se admite que teve lugar a formação do tesouro. A superfície sombreada indica a área de mais intensa actividade das forças de Henrique de Trastâmara durante a fase de produção das barbudas.

Quanto à área geográfica de formação do conjunto, já atrás se indicaram os motivos que a fazem situar na região galaico-duriense. E, tendo em conta que, sobretudo quando se excluem os exemplares de produção não regular, o peso relativo da representação das várias casas da moeda da orla costeira é praticamente igual, não deixa de ser razoável admitir, dado que a produção de Tui foi menos abundante, que essa área estava mais perto desta localidade do que do Porto ou da Corunha.

Infelizmente, a falta de informações sobre o local do achado e o tipo de contexto arqueológico em que as moedas se encontravam inseridas não permite tecer grandes considerações sobre as circunstâncias em que se terá verificado a ocultação. Todavia, a ser exacta a proveniência fronteiriça do lote, afirmada pelos vendedores, e admitindo que a ocultação se concretizou na própria área de formação do tesouro, é provável que as moedas que o constituíam tenham sido escondidas algures no sul da Galiza, na faixa raiana que vai de Tui a Verín. À medida que se aproximava o fim de guerra, deve ter crescido a instabilidade politico-militar dessa zona e com ela o número das pessoas que recearam pelos seus haveres e que procederam à sua ocultação. E não é de excluir a possibilidade de que a recuperação dos haveres representados por moedas lavradas em nome de D. Fernando tenha sido particularmente limitada por perseguições sofridas pelos seus partidários e até pelo receio de que a exibição de quantidades substanciais dessas moedas constituísse prova de anterior adesão ao grupo dos rebeldes.

VOLUME DAS EMISSÕES E CIRCULAÇÃO MONETÁRIA

Conquanto os elementos fornecidos por um único achado não autorizem mais que simples sugestões, é inegável que a estrutura do lote aponta para um carácter essencialmente autónomo da circulação monetária na faixa ocidental do noroeste peninsular durante a fase de produção das barbudas. De facto, a ausência de exemplares emitidos por Lisboa e por Samora e a representação insignificante da produção de Miranda do Douro depõem a favor da ideia de que, ao longo de tal período, a alimentação dessa região em numerário dependeu, quase exclusivamente, dos centros emissores nela instalados. Isto nada tem de surpreendente, uma vez que o fornecimento por Lisboa seria pouco prático, a propaganda política aconselhava o predomínio dos lavramentos galegos e as comunicações com Samora e Miranda eram difíceis ou mesmo impraticáveis, dada a possibilidade de interferência eficaz por forças afectas a Henrique de Trastâmara, que actuavam em redor destas localidades.

Assim, o conhecimento da produção dos centros emissores do Porto, de Tui, da Corunha e do que assinou com a letra **Q** seria uma contribuição fundamental para se avaliar do impacte causado pela introdução da nova espécie na economia da área geográfica cujo fornecimento em numerário lhes cabia assegurar. Todavia, as fontes documentais e narrativas não fornecem a mais pequena achega para o esclarecimento do assunto e parece improvável que os arquivos reservem grandes surpresas em tal domínio.

Dáí o interesse de que se revestem, apesar da ampla margem de incerteza que comportam, alguns dados quantitativos obtidos por aplicação do método de Lyon-Carter (Carter^{1,2}) a um material constituído pelas barbudas do lote e reproduções fotográficas de outros vinte exemplares também lavrados no Porto, em Tui e na Corunha (**Quadros XVI e XVII**). Infelizmente, não foi possível tratar do mesmo modo as barbudas que exibem a letra **Q**, dado que o seu pequeno número retiraria validade aos valores que se encontrassem.

QUADRO XVI

CUNHOS USADOS NA PRODUÇÃO DAS BARBUDAS

CASAS DA MOEDA	EXEMPL.	CUNHOS IDENTIFICADOS		TOTAIS PROVÁVEIS DE CUNHOS	
		ANVERSO	REVERSO	ANVERSO	REVERSO
PORTO	68	51	59	135 ± 23	263 ± 71
TUI	34	23	31	47 ± 10	198 ± 85
CORUNHA	51	40	45	121 ± 26	242 ± 75
CONJUNTO DAS TRÊS CASAS	153	114	135	295 ± 33	721 ± 127

É evidente que os valores indicados como totais prováveis de cunhos perderiam interesse no caso de se admitir que a maior parte do material em que assentaram os cálculos, proveniente de um só achado, representa uma amostra selectiva. Contudo, a multiplicidade de centros emissores e a diversidade de características dos exemplares que formavam o lote levam a considerar esta hipótese como improvável. Consequentemente, os referidos valores permitem afirmar que há 95 por cento de probabilidades de que os três centros emissores principais da faixa ocidental do noroeste peninsular tenham utilizado, na produção de barbudas, entre 230 e 360 cunhos de anverso e entre 472 e 970 cunhos de reverso (valores médios $\pm 1,96$ d.p.).

Em face destes resultados, e independentemente da ampla margem de dúvida que implicam, uma conclusão se impõe: Mesmo supondo que os valores reais se situaram próximo dos limites inferiores apontados, o número de cunhos que serviram nos lavramentos foi muito elevado. Deste modo, a menos que se postule a sub-utilização da maioria, há que reconhecer que a produção de barbudas por esses centros foi muito abundante, atingindo volumes que excedem todas as previsões, mesmo que se admitam índices de utilização média baixos para a época.

Sem entrar na discussão das dificuldades que envolvem a escolha de um valor quando se pretende recorrer a índices de utilização média de cunhos para efeitos de cálculo de volumes de amoedação, convém recordar que o número médio de moedas produzidas, em diferentes emissões, com um cunho de anver-

so ou de reverso é uma variável dependente de numerosos factores. Entre esses factores, há que contar com a natureza do material usado na fabricação dos cunhos e seu tratamento, o tipo de liga amoedada, a espessura e o relevo das espécies produzidas e a técnica de cunhagem, sem esquecer o nível de exigência quanto à qualidade estética dos exemplares emitidos, que determina o abandono mais ou menos precoce dos cunhos deteriorados. Para além de tudo isto, há ainda que ter em conta a possibilidade, já aflorada, da sub-utilização. Esta é sobretudo de considerar em caso de emissões urgentes de espécies de vida efémera, conseguidas em curto prazo, mediante fases de laboração muito activa, em casas da moeda com elevado número de postos de cunhagem.

A simples enumeração dos factores envolvidos basta para dar uma ideia das dificuldades de que se reveste a escolha criteriosa de determinado valor e permite compreender referências a números tão diferentes como as 9000 moedas de bronze conseguidas, sem deterioração significativa, com um único par de cunhos (Sellwood¹⁵) e os quase 40000 exemplares por cunho de anverso, referidos por Mate¹¹ para as moedas de Eduardo I de Inglaterra. De qualquer modo, a menos que se desista de formar opinião sobre os volumes das emissões da esmagadra maioria das moedas clássicas e medievais, há que escolher índices, sem dúvida passíveis de muitas críticas, mas que, mesmo assim, conduzem a resultados com indiscutível interesse, desde que a sua interpretação se faça com prudência (1).

No caso particular das barbudas, as características físicas —liga, espessura e relevo— apontam para índices de utilização compreendidos entre os valores acima citados. Por outro lado, a inexistência de exemplares com sinais sugestivos de franca deterioração dos cunhos indica que não houve utilizações excessivamente prolongadas. E, finalmente, a urgência das cunhagens é compatível com a hipótese da sub-utilização, mas, consideradas as dimensões presumíveis das casas da moeda envolvidas no processo, não é de crer que o número dos cunhos sub-aproveitados tenha sido elevado. Assim, pareceu razoável escolher, para o cálculo dos correspondentes volumes de amoedação, o índice de utilização média, francamente baixo, de 10000 exemplares por cunho de anverso e foi nesta base que se determinaram os valores que constam do **Quadro XVII**.

(1) Outros métodos de estudo dos volumes de amoedação, que se baseiam no cálculo dos números prováveis de combinações de cunhos (Carter^{1,2}), também implicam a escolha de um índice muito discutível (número de moedas produzidas por dia e por posto de cunhagem).

QUADRO XVII
VOLUMES PROVÁVEIS DA AMOEDAÇÃO

CASAS DA MOEDA	VALOR MÉDIO \pm DESVIO PADRÃO	VALOR MEDIO \pm 1,96 D.P.
PORTO	1350000 \pm 230000	Sup. = 1800800 Inf. = 899200
TUI	470000 \pm 100000	Sup. = 666000 Inf. = 274000
CORUNHA	1210000 \pm 260000	Sup. = 1719600 Inf. = 700400
CONJUNTO DAS TRÊS CASAS	2950000 \pm 330000	Sup. = 3596800 Inf. = 2303200

Os valores indicados no **Quadro XVII** informam que a produção da casa da moeda da Corunha foi quase idêntica à da sua congénere do Porto, enquanto que a de Tui se situou em apenas cerca de um terço do volume atingido por esta última. Por outro lado, os elementos disponíveis sugerem que as emissões assinadas com a letra **Q** foram ainda menos abundantes que as de Tui. Assim é razoável pensar que, no ano de 1370 e só na faixa ocidental do noroeste peninsular, foram lançadas em circulação entre dois milhões e meio e quatro milhões de barbudadas.

Mesmo que se prefira, para efeitos de desenvolvimento do assunto, o valor de três milhões de exemplares, mais próximo do limite inferior apontado, é interessante constatar que, só nessa área geográfica, os lavramentos de barbudadas devem ter envolvido a utilização de perto de 3,25 toneladas de prata pura.

Conquanto possam causar certa surpresa, estes números não são, de modo algum, inaceitáveis. Para se chegar a esta conclusão, bastará ter presente que a fase da produção das barbudadas foi um período de cunhagem muito activa, recordar certos dados sobre as reservas metálicas europeias em meados do século XIV e comparar o que se admite ter acontecido com alguns processos semelhantes ocorridos na mesma época.

Em primeiro lugar, o lavramento de três milhões de barbudadas era perfeitamente realizável em seis meses, mesmo que se admita uma laboração de apenas 21 dias em cada mês, a existência de uns modestos oito postos de trabalho no conjunto das quatro casas da moeda e um ritmo de produção, relativamente moderado, de 3000 exemplares por dia e por posto de trabalho.

Em segundo lugar, mesmo supondo que a cunhagem das barbudadas não

atrafu, às casas da moeda, mais de um décimo das reservas locais de prata, a quantidade deste metal que se admite ter sido usada nos lavramentos efectuados pelos centros emissores do Porto, de Tui e da Corunha apenas implicaria a existência de 32,5 toneladas em toda a área geográfica por eles servida. Ora há razões para crer que, em 1350, as reservas europeias de prata orçariam pelas 2000 toneladas, cabendo só à França à volta de 400 toneladas e cerca de 200 toneladas tanto à Inglaterra como aos Países Baixos (Day³). Deste modo, uma existência global de 32,5 toneladas para a maior parte da Galiza e do norte de Portugal não se afigura excessiva, atendendo ao povoamento relativamente denso dessa zona.

Finalmente, vale a pena referir, para servirem de termos de comparação, algumas fases de cunhagem activa ocorridas ao longo do século XIV e recordar os volumes das correspondentes emissões. Em Inglaterra, entre 1351 e 1360, a produção de moeda implicou a cunhagem anual média de perto de 11 toneladas de prata (Sutherland¹⁷). Na mesma década, os lavramentos em prata atingiram, na Flandres, a média anual de 8 toneladas (Day³). Em Barcelona, entre 1341 e 1370, a média anual de prata amoedada foi pouco inferior a tonelada e meia. E, em cerca de ano e meio (25 de Dezembro de 1377 a 9 de Julho de 1379), as casas de moeda da Navarra cunharam nada menos de 10776 quilos de prata (Hamilton⁵). Assim, os exemplos apontados bastam para demonstrar que o volume calculado para as emissões de barbudas no noroeste da Península nada têm de insólito no contexto das cunhagens da época.

Atendendo ao curso legal muito elevado que foi conferido às barbudas, uma emissão de três milhões de exemplares, realizada em menos de um ano, representou um aumento maciço do número de sinais monetários em circulação. E se é certo que as medidas deflacionistas determinadas, tanto em Portugal com em Castela, entre 1371 e 1374, foram drásticas e neutralizaram, em grande parte, essa inundação de sinais monetários, não é menos verdade que houve uma curta fase em que os seus efeitos se fizeram sentir com toda a sua intensidade.

Seria interessante averiguar, em termos qualitativos e quantitativos, quais foram as repercussões imediatas do aumento brusco da massa monetária circulante. Mas seria ainda mais interessante saber se esse aumento deixou marcas — não necessariamente negativas — nas estruturas socioeconómicas do noroeste da Península Ibérica no ocaso da Idade Média. O estudo de qualquer dos problemas, assim sumariamente enunciados, implica um trabalho gigantesco, que exige a intervenção de toda uma série de especialistas de diferentes ramos das ciências históricas. E, atendendo à natureza e à acessibilidade dos materiais a tratar, exige também que a colaboração entre os investigadores portugueses e os espanhóis se torne mais frequente e mais activa.

BIBLIOGRAFIA

1. Carter, G.F. - «A Graphical Method for Calculating the Approximate Total Number of Dies from Die-Link Statistics of Ancient Coins». in **Scientific Studies in Numismatics**. British Museum Occasional Papers n. 18. 1980.
2. Carter, G.F. - Comunicação pessoal.
3. Day, J. - «The Question of Monetary Contraction in late Medieval Europe». **Nordisk Numism. Arsskrift** 12, 1981.
4. Garcia, L. Pinto - «Moedas da Corunha». **Nummus** 2: 13, 1954.
5. Hamilton, E.J. - **Money, Prices and Wages in Valencia, Aragon and Navarre, 1351-1500**. 2.ª ed. Porcupine Press, Philadelphia, 1975.
6. Lopes, Fernão - **Crónica de D. Fernando**. Ed. crítica por G. Macchi, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1975.
7. Marques, M. Gomes - «O chamado quarto de barbuda e o problema das letras monetárias». **Nummus** 10: 7, 1976-1977.
8. Marques, M. Gomes - **Moedas de D. Fernando**. Imp. Coelho Dias, Lisboa, 1978.
9. Marques, M. Gomes e Cabral, J.M. Peixoto - «Cronologia da numária de Dom Fernando». **Nummus** (2.ª série) 3: 97, 1980.
10. Marques, M. Gomes e Sampaio, J. Lopes de — «Moedas de cobre de Dom Duarte». **Nummus** (em via de publicação).
11. Mate, M. - «Coin dies under Edward I and II». **Numis. Chron.** (7.ª série) 9: 209, 1969.
12. Orol Pernas, A. - «Aportación a la numismática medieval. Monedas castellanas sin marca de ceca». **Numisma** 26 (138-143): 257, 1976.
13. Reis, P. Batalha - «Raridades numismáticas no histórico castelo de Faria». **Bol. Grupo Alcaides de Faria** 1 (2): 25, 1949.
14. Reis, P. Batalha - **Preçário das moedas portuguesas de 1140 a 1960**. 2.ª ed., Liv. Fernando Machado, Porto, 1964.
15. Sellwood, D. - «Medieval Minting Techniques». **British Numis. J.** 31: 64, 1962.
15. Stahl, A.M. - **The Merovingian Coinage of the Region of Metz**. Numismatica Lovaniensia 5. Séminaire de Numismatique Marcel Hoc. Louvain-la-Neuve, 1982.
17. Sutherland, C.H.V. - **English Coinage 600-1900**. Batsford, London, 1973.



LAMINA I



LAMINA II



LAMINA III